JORNAL DE 2ª FEIRA

JUNDIAÍ, 23 A 29 DE MAIO DE 1977 — ANO II — N.o 100 — Cr$ 2,00

EDITORA JUNDIAI LTDA 23/5/77 AD PU RE GR

HÁ QUEM ACREDITE QUE "OS CHORÕES DO JAPI" AINDA ESTÃO VIVOS.

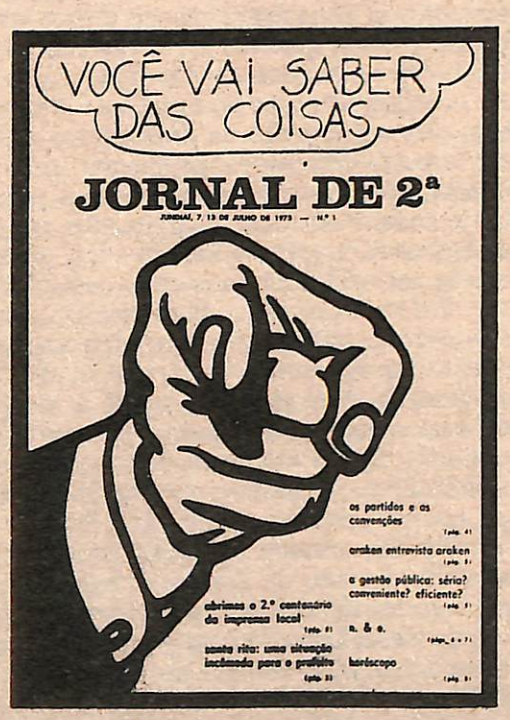
(Páginas 8 e 9)

NINGUÉM ACREDITAVA, MAS "A FOLHA", "A COMARCA" E "O JUNDIAIENSE" MORRERAM.

(Páginas 10 e 11)

Ninguém acreditava, mas chegamos ao nº 100.

AH MABS



JORNAL DE 2ª

HÁ QUEM ACREDITE QUE OS CHORÕES DO JAPI" AINDA ESTÃO VIVOS.

NINGUÉM ACREDITAVA, MAS "A FOLHA", "A COMARCA" E "O JUNDIAIENSE" MORRERAM.

Ninguém acreditava,
mas chegamos ao nº 100.



A OPOSIÇÃO NA ENCRUZILHADA

Ao ser entrevistado pela reportagem do programa "Os Titulares da Notícia" do canal 13, que nos dias de hoje pode ser considerado um dos melhores noticiários nacionais, senão o melhor da televisão brasileira, o sr. Cláudio Lembo, presidente regional da Arena paulista, fez questão de frisar que não é candidato a "senador indireto", (o que nos meios parlamentares recebeu a jocosa de "senador biônico") dissipando assim dúvidas e boatos que o indicavam para uma vaga no Senado Federal, a mesma casa que por muitos anos na velha república teve em sua tribuna a oratória magnífica e inigualável de Rui Barbosa na defesa dos princípios democráticos, e que hoje está prestes a sofrer mais um ato de ultraje e desrespeito, e que diga-se de passagem, não conta com o apoio de destacadas figuras do partido governista, que como o sr. Cláudio Lembo preferem o risco de uma derrota em confronto direto, cujo resultado cabe unicamente a soberana vontade popular, ao julgamento inexorável da história.

Ao partido da oposição, o grande prejudicado pelo pacote de medidas editadas recentemente, resta o papel de não apenas representar o descontentamento de milhões de brasileiros marginalizados economicamente por uma desenfreada concentração de rendas e um forte arrocho salarial, e politicamente impedidos de exercitarem a liberdade de pensamento, de reunião, de associação e de crítica, sem as quais não viceja a democracia, uma plantinha frágil demais e de difícil cultivo, mas sobretudo, a função de sensibilizar o seu grande eleitorado urbano para a inadiável tarefa da redemocratização nacional, condição sine qua non para que as diferentes classes que compõe a nossa sociedade se manifestem livremente e escolham qual o modelo de organização social mais desejável para o nosso país.

Se é certo que os setores de vanguarda da oposição emedebista compreenderam o significado da encruzilhada política que vivemos, e já propõem a eleição de uma "Assembléia Nacional Constituinte", com plenos poderes legisferantes e com a finalidade de reformular em todos os sentidos o rígido e estagnado quadro político institucional brasileiro, os mesmos reconhecidos adesistas de sempre já se movimentam no sentido da acomodação às "novas reformas" e fazem escárnio público do programa do partido, quando já partem para uma acirrada disputa aos cargos de governador, vice- governador, senador indireto e prefeito da capital no Estado do Rio de Janeiro.

Germano Neto

ASSUNTOS MUNICIPAIS

QUEM SERÁ TICO-TIRICO?

Com trinta ou quarenta "capelletti ai sugo" e dois robustos e capitosos copos de vinho na barriga, dei-me a andanças no último domingo, para "fazer o quilo" e espantar o sono que me punha as pernas cambaleantes. Enveredei-me pela Barão e desci a Coronel Leme até que encontrei um mata-burros no Córrego do Mato.

Desculpe-me leitor. Não é veso meu tratar de mim próprio, mas, no caso em questão, acontece que o personagem sou eu, e, assim sendo, e sequela deste papo não me oferece alternativas.

Pois é, parei a descida naquele córrego. O córrego que no antanho refrescou a canícula e mitigou a sede dos bandeirantes que desbravaram o solo pátrio adentrando a "Porta do Sertão do Mato Grosso de Jundiahy" e que, no presente, acaba de escrever a sua nova história em letras de ouro. Quantas barras do vil metal foram necessárias para o fazer, só a Gutierrez sabe avaliar. O certo, porém, é que o dito córrego por cujo álveo corre preguicosamente um ínfimo filete d'água suja, entremeia duas modernissimas avenidas, que sobre o mais, vieram dar maior ênfase ao "Etiam Per Me Brasília Magna", deixando os parassematógrafos na obrigação de incluir entre o miliciano e o bandeirante do brasão um terceiro arquiteto a quem a egolatria do destino batizou com a alcunha de Ibis, o carismático.

Se me for dada a graça de mais uma desculpa, eu a rogo por ter divagado um pouco com respeito ao meu inimaginado passeio pelo Córrego do Mato, qual agora, com mercê de vossa benevolência me permito continuar.

Caminhava cabisbaixo e pensativo eu, que naquelas bucólicas paragens gastei saudosa infância com visgos e arapucas. Cismativo e transportado fugazmente pelo vácuo das elocubrações eu levava comigo apenas a fé em Deus e o coração no peito. Tinha a mente aturdida pelo silêncio melancólico da rua onde os reverbero do asfalto aquecidos pela inclemância do sol davam a idéia de que estava palmilhando as misteriosas entranhas do Saara. Ao longo, o deserto era quase aterrador. Nem uma alma à beira do caminho. Só os anus e os pardais quebravam a monotonia da minha solidão.

Lá ia eu, como já disse, cabisbaixo e pensativo, sem ter com quem trocar um "tetê-a-tetê", quando ao longe, vislumbrei um vulto masculino movimentando-se na minha direção. Logo que nos aproximamos, (ventura minha) era um velho condiscípulo do grupo escolar. Aperto de mãos; abraços; reminiscências. Há quanto tempo! Que saudade. E a prosopopéia sobre os tempos idos prosseguiu animada com um sol escaldante à nossa cara.

— E você, que faz por aqui?

— Eu faço o "quilo". E você?

— Eu moro logo ali.

— Então você conhece bem esta zona?

— Claro que sim.

— É que entrei na avenida por acaso. Não sei onde começa nem onde vai dar . . .

— Ah, meu amigo, não tem começo nem fim. É como o Tico-Tirico; Não tem pé, nem c. . . oração, nem bico. . .

Despedimo-nos e eu continuei andando até safar-me no primeiro cruzamento.

Agora, tenho um nó no gurgumilo Quem será esse Tico-Tirico? V/2

PAPO FURADO

BOM DIA, SR. PREFEITO!

Pretender que a administração municipal, com menos de quatro meses de vivência, atenda todos os problemas urbanos que se agigantaram face o indiferentismo do infelicitado governo que passou, seria relegar o senso comum para deixar de dar aos fatos a verdadeira dimensão de suas reais proporções.

Vale dizer que por carente de alternativas a cidade terá que permanecer ainda por um bom espaço de tempo, feia, esburacada e suja como a deixou o ex-prefeito Ibis Cruz.

Não seria lícito exigir, pois, de imediato, soluções radicais a tudo quanto se vê na rua reclamando providências de elementar entendimento. Primeiro, porque há que se dar tempo ao tempo; segundo, porque o dinheiro não está fácil.

Até aí compreendemos a situação caminhando a passos de tartaruga. O que não dá pra aceitar, todavia, é que se aumenta o tamanho dos buracos, e o que é pior, que se abram outros bastante incômodos aos usuários da via pública.

É o que vimos presenciando, infelizmente.

Na rua Secundino Veiga, por exemplo, entre Barão e Rosário, onde o fluxo de trânsito motorizado é intenso e ininterrupto, o Departamento de Águas abriu dois respeitáveis buracos, sendo que um já fez noventa dias e o outro acaba de completar seu primeiro mês.

Obrigando os automóveis a se desviarem, um desses buracos, com nada menos de dois metros de comprimento por um de largura, cria sérios problemas principalmente quando à direita da rua permanecem veículos parados, ocorrência bastante comum no local. Diariamente, nos seus exercícios de rotina, uma formação da 2a. Cia. de Comunicações também encontra nas valetas um impecilho bastante indesejável.

Era hora, portanto, de se mandar corrigir o aleijão.

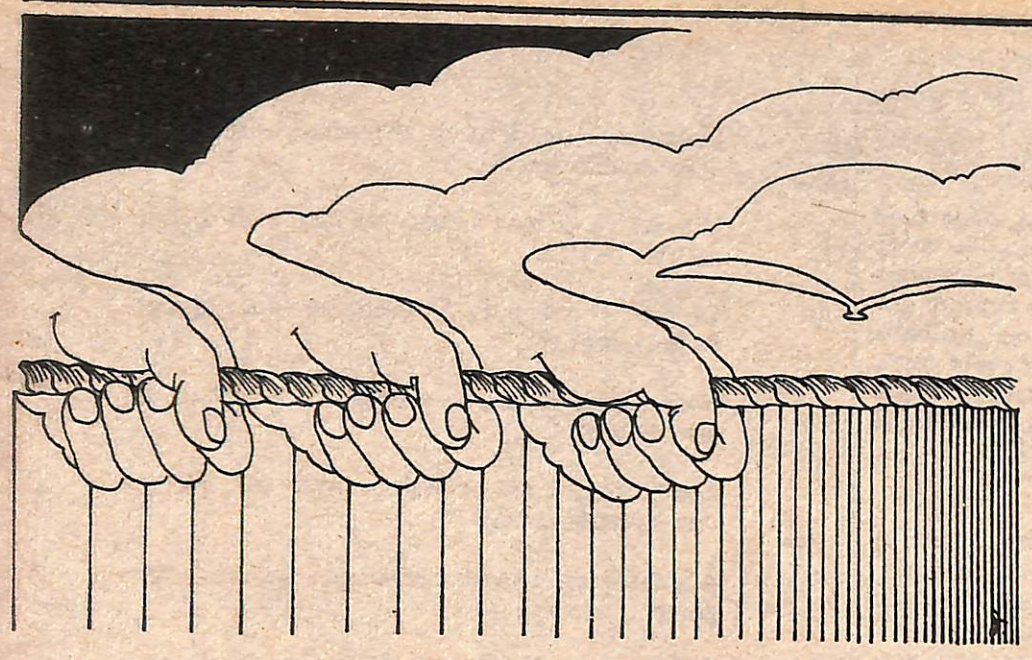
Dir-se-á que estas linhas deveriam ser dirigidas ao DAE que foi quem esburacou aquele trecho de rua. Acontece que a autarquia, uma vez completado o serviço da ligação de água ou estancamento de algum vazamento, tem como segmento implícito àquela atividade de reposição do asfalto para evitar males que agora estamos apontando. Senão o fez em bom tempo, ocioso seria chamar-lhe a atenção.

Daí buscarmos caminhos ínvios para levarmos a anomalia ao conhecimento da Prefeitura cujos fiscais urbanos parecem, igualmente, um tanto descuidados. E o fazemos sem nenhum intuito de acriminioso contra aqueles a quem porventura esteja afeta a tarefa de atender com presteza a reclamos desse jaez. Agimos por um impulso natural do ofício.

Se nossas observações caírem no vazio, isto é, se as providências requeridas continuarem procastinadas, pelo menos resta-nos o consolo de haver desempenhado o nosso papel.

Se é verdade que não se pode pretender realizações de envergadura porque demandam de maior preparo e dotação financeira que as tornam possíveis de espera, nem por isso há que se desculpar o descaso no atendimento a exigências de lana caprina.

Elcio Vargas



JÁ QUE A ORDEM É PROGRESSO

A primeira vez que ouvi a palavra **mutirão** foi da boca de um suíço, o dr. Walter Gossner. Ele havia organizado um mutirão, com moradores do seu bairro, Ivoturucaia, para conservar um enorme trecho da estrada municipal, completamente abandonada pelo poder público. E enquanto o dr. Walter falava a respeito do trabalho conjunto dos moradores do bairro, pude sentir duas coisas: a primeira é que o suíço tinha absoluta consciência de que a tarefa era obrigação da prefeitura, já que aquela população paga impostos, recolhe taxas, produz para a coletividade; a segunda, é que a decisão de realizar o mutirão partira do fato daquela gente achar que não devia ficar se lamentando passivamente, diante da inoperância da prefeitura: pusera mãos à obra e fim.

Depois de quase vinte anos que esse fato se deu, ouço falar novamente no dr. Walter Gossner. Ele está lutando para conseguir a instalação de um ginásio em Ivoturucaia. E está disposto a doar metade da área necessária, além de uma razoável soma em dinheiro para ajudar a prefeitura a desapropriar a área restante, onde o ginásio poderia ser construído.

Como, mestiço ? Você acha que o dr. Gossner tem essa mentalidade porque é suíço, é estrangeiro? A Nestlé também é suíça, mestiço. No entanto os mutirões que ela realiza com sua equipe de "propagandistas" junto aos médicos têm muito pouco a ver com os interesses da comunidade, se comparados com os lucros que ela remete para a sua matriz em Genebra (ou outra cidade civilizada qualquer) Mas vamos lá, admitamos que a mentalidade do dr. Walter Gossner é fruto de um magia chamada "ser suíço" e que somente acontece a pessoas que nascem dentro de um pedacinho de terra demarcado no mapa.

Como explicar, então, que no bairro do Poste um brasileiro chamado Carlos De Marchi esteja oferecendo, em nome dos moradores daquele bairro, todo o material necessário para que a prefeitura amplie o grupo escolar dali? Tijolo, cimento, cal, telhas, madeira, aquele povo topa doar tudo isso, desde que a prefeitura dê a mão de obra necessária para ampliar a escola.

Por favor, mestiço, não venha me dizer que isso acontece porque as famílias do Poste são italianas! Os De Marchi, os Brunelli, os Lourenção, os Facchini são agricultores, gente simples, que veio de regiões de uma Itália tão subdesenvolvida quanto o nosso Brasil.

O que eu acho é que esse povo de Ivoturucaia, do Poste, do Caxambu, de Corrupira, do Bonjardim, do Traviú e de outros bairros rurais vive numa comunidade que tem muito mais a ver com ele mesmo. Um exemplo disso você encontra no clube Sociedade Amigos do Traviú, onde nenhum dos frequentadores ali está por status, ou para desfilar o status que tem. Nas noites de sábado ou aos domingos, eles estão ali se recreando, enquanto falam do seu trabalho, das suas plantações, o clube é a extensão de lazer natural dos moradores da localidade. Tanto o clube está ligado à vida dos frequentadores que o ambiente se altera, de alegre e descontraído para sério e preocupado, conforme a safra do ano seja boa ou ruim. O clube reflete a vida da comunidade.

Portanto, o ambiente nesses bairros é devido muito menos à raça dos seus moradores do que à qualidade da vida que esses moradores levam. E não estou me referindo à "qualidade de vida" que a imobiliária Guarantã fala em seus reclames de tevê (suítes piscinas, estilo mediterrâneo, essas bobagens). Qualidade de vida no sentido de que há uma integração homem-trabalho-casa-lazer.

Mas por que é mesmo que eu estou escrevendo essas coisas das quais eu nem entendo muito bem? Ah, já sei. É que começaram, semana passada, as reuniões da comissão do Plano Diretor. Não sei em que extensão o Plano Diretor atinge a zona rural, mas sei que alguma coisa tem a ver com ela. Eu queria apenas pedir à Comissão que não planeje muito a zona rural. Que deixa aquela gente continuar decidindo sobre o destino das suas coisas. Que proteja a manutenção dessas coisas, é claro. E que de meios para sua concretização Mas não planeje muito, não.

Afinal, hoje em dia são tão poucas as nossas comunidades que ainda decidem sobre o seu destino que seria pecado impor regras a essa gente Já que eles agem sempre comunitariamente, já que eles decidam a sua sorte.

Peço porque eu, particularmente já estou com o saco cheio de ordens e progressos, segundo os conceitos vigentes.

Erazê Martinho

CARTA ABERTA (POR NÓS) AO POVO DE JUNDIAÍ

Esta carta-ofício foi endereçada ao nosso redator-chefe Sérgio Rondino. Resolvemos publicá-la na íntegra, para que o povo jundiaiense sentisse o drama de um grupo de abnegados que já não pode mais realizar os seus propósitos: a solidariedade humana.

Jundiaí, 19 de maio de 1977.

Temos a honra de convidar Vossa Senhoria para o derradeiro ato público desta entidade, a realizar-se, conforme programação anexa, às 17 horas do dia 23 do andante, no Gabinete do Prefeito Municipal.

Gratos pela sua atenção, consignamos as expressões de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

(José Maria Bueno de Miranda)
Presidente

PROGRAMA

Não desejado, porém indispensável: Às 17 horas da segunda feira, dia 23 de maio de 1977, no Gabinete do Prof. Pedro Fávaro, M.D. Prefeito Municipal de Jundiaí, terá lugar o último ato oficial da Associação Humanitária Operária Jundiaiense.

A entidade, fundada em 24 de fevereiro de 1901, distribuirá cheques (representativos de todo seu patrimônio) a entes jurídicos que despendem esforços em favor da infância:

Associação Jundiaense de Pais e Amigos dos Excepcionais

Associação Protetora de Menores

Casa da Criança "Aprendizado Agrícola Dom José Gaspar"

Casa da Criança Nossa Senhora do Desterro"

Creche Alexandre Saska

Fundação Nossa Senhora do Desterro

Lar Anália Franco

Lar Galeão Coutinho

Lar Feminino Filadélfia de Jundiaí

Lar Creche Wilson de Oliveira

Creche em construção, do Centro Espírita Operários da Verdade

Lar da Criança em construção, do Centro Espírita Amor e Caridade, de Itirapina.

A querida Humanitária prestava auxílios quando de dificuldade na família do sócio: na doença ou morte.

Com a propagação das companhias de seguros e com as atividades da Previdência Social — não houve mais quem quisesse pertencer à sociedade.

Os sócios iam desaparecendo e faltava número suficiente que desse lastro aos compromissos estatuários.

Circunstâncias, que a todos assaltam, periodicamente colocavam a sociedade em penoso dilema: Solicitar majoração das contribuições ou manter os auxílios em níveis reduzidos, inadequados.

Decidiu a Assembléia Geral modificar os estatutos e permitir através de livre opção, pela continuidade dos direitos e deveres ou pelo recebimento em vida, de importância, não elevada, que representava o desligamento do sócio da veterana entidade.

A mesma Assembléia deliberou que os Diretores deveriam continuar em seus postos até que não houvesse mais tarefa a cumprir.

Verificou-se que inúmeras tentativas haviam sido feitas para incorporar ao patrimônio da Humanitária uma gleba de terras, situada no Município de Franco da Rocha, que por volta de 1930 fora dada como garantia de dívida.

Há pouco o litígio foi concluído favoravelmente. O terreno, mediante concorrência pública, foi vendido. Compromissos foram solvidos.

O remanescente é que motiva este derradeiro ato oficial: será entregua a entidades beneméritas, que fazem jus a toda colaboração.

Não havia outro caminho a tomar.

Extingue-se de modo benemérito, humanitário, quem nasceu e viveu sob essa inspiração.

Segundo soubemos, o Correio está com problema de falta de pessoal (tem carteiro em férias, fazendo curso em Campinas, etc.)

Isso não justifica, mas explica os atrasos na entrega do J2a. aos assinantes. Desculpem-nos.

PALAVRAS

"Obrigados a trabalhar até 40 horas por semana a fim de obter um acréscimo em seus vencimentos, é lógico que os mestres acabam não resistindo. Ainda mais quando se vê na cidade, serventes de obras sendo contratados até dez cruzeiros a hora, e quando uma simples cozinheira ou arrumadeira numa residência do Lago chega a ganhar tanto ou mais que uma professora, embora sem ter feito qualquer curso e, muitas vezes, sem ter ido à escola jamais". (Correio Braziliense, 28/4)

"Um barbeiro lerdo, principiante, corta um cabelo em 15 minutos. Portanto, 4 por hora. Cobra Cr$ 25 pratas cada um. Então fatura Cr$ 100,00 por hora. Em seis horas de serviço. Cr$ 600,00. Isso, na pior das hipóteses Trabalhando o mês inteiro, aos sábados em dobro, chega no fim com Cr$ 18.000,00 mensais na gaveta. O mestre, o professor primário, desassistido e marginalizado nesta nação, trabalhando mais de seis horas por dia, porque o volume de serviço assim o exige, com a preparação de provas, correção de trabalhos, com 10 anos de magistério, precisa trabalhar, no mínimo, 6 meses, para ganhar essa mesma importância". (Leme do Prado, J ornal de J undiaí 15/5)

"Vamos todos gritar! Gritar contra o rojão da inflação".(Guilherme Enfeldt,mesmc jornal, mesmo dia)

"Ninguém vê os royalties que com isso estamos trazendo para o Brasil".(Maurício Alberto Kaisermann, conhecido no mundo artístico por "Morris Albert")

"Sabe por que eu não gravo mais?" Os tempos são outros. Quando me perguntam por que deixei a música popular brasileira, eu respondo sempre: porque não sei inglês". (Manezinho Araújo)

"Frequentei colégios de freiras, onde tudo era pecado, até estudar balé — que eu tanto adorava. Dançar nos bailes, além de pecaminoso, ofereceia o perigo das garotas ficarem grávidas. Banho de piscina também era proibido, porque, segundo elas, o espermatozóide corria dentro d'água ao encontro do útero. Imagine só, qual foi a minha experiência religiosa! " (Márcia Mendes, Última Hora do Rio, 9/5)

"Devemos atentar para um fato: onde os intelectuais são recrutados? Da classe média para cima e a classe média nunca se constituiu num exemplo de autonomia. Na minha opinião, a situação dos intelectuais é um miniproblema, ou seja, apenas pequena parcela de excluídos entre 110 milhões de indivíduos também excluídos do processo de decisão política. Este fato não é novo: vem desde há 154 anos". (Paulo Sérgio, professor da Unicamp. JB de 3/5)

"Se o Parlamento introduzir o divórcio no Brasil, deve ir tratando sem demora de conseguir verbas para a construção de asilos, recolhimentos e cadeias para as vítimas certas dos divorciados, os seus filhos". (d. Vicente Scherer, cardeal de Porto Alegre)

"O mundo ocidental deveria limitar radicalmente o crescimento do consumo de energia e recorrer em grande escala e outras fontes energéticas diferentes do petróleo. Tais esforços devem ter um caráter de uma ação de guerra. Se não for assim, as consequências serão catastróficas para o mundo". (Carol L. Wilson, coordenador do Grupo de Trabalho sobre Estratégica Energéticas)

PUFS

Zarteu

Vanguarda é uma milícia que só ataca pela frente.

Cadastro é um defunto encontrado dentro do cofre de um banco.

Moções são jovens vereadores com mais de um metro e oitenta.

Obsceno é o ângulo formado por duas figuras de má aparência.

Natividade é uma oca indígena onde nascem as criancinhas.

Lombroso foi um assassino muito feio que tinha costas quentes.

Alarde é um medicamento que queima e faz gritar.

Pecha é uma mancha que dá nos cabelos de pessoas afamadas.

Infenso é um xingamento de pouca importância.

Ademais foi um governador que roubou o dobro do que seu antecessor.

Bene Trovato é um cantor considerado o Juca Chaves da Itália.

Tábula rasa é o nome que os filósofos davam ao surf.

Ilhozes são buraquinhos que separam os arquipélagos.

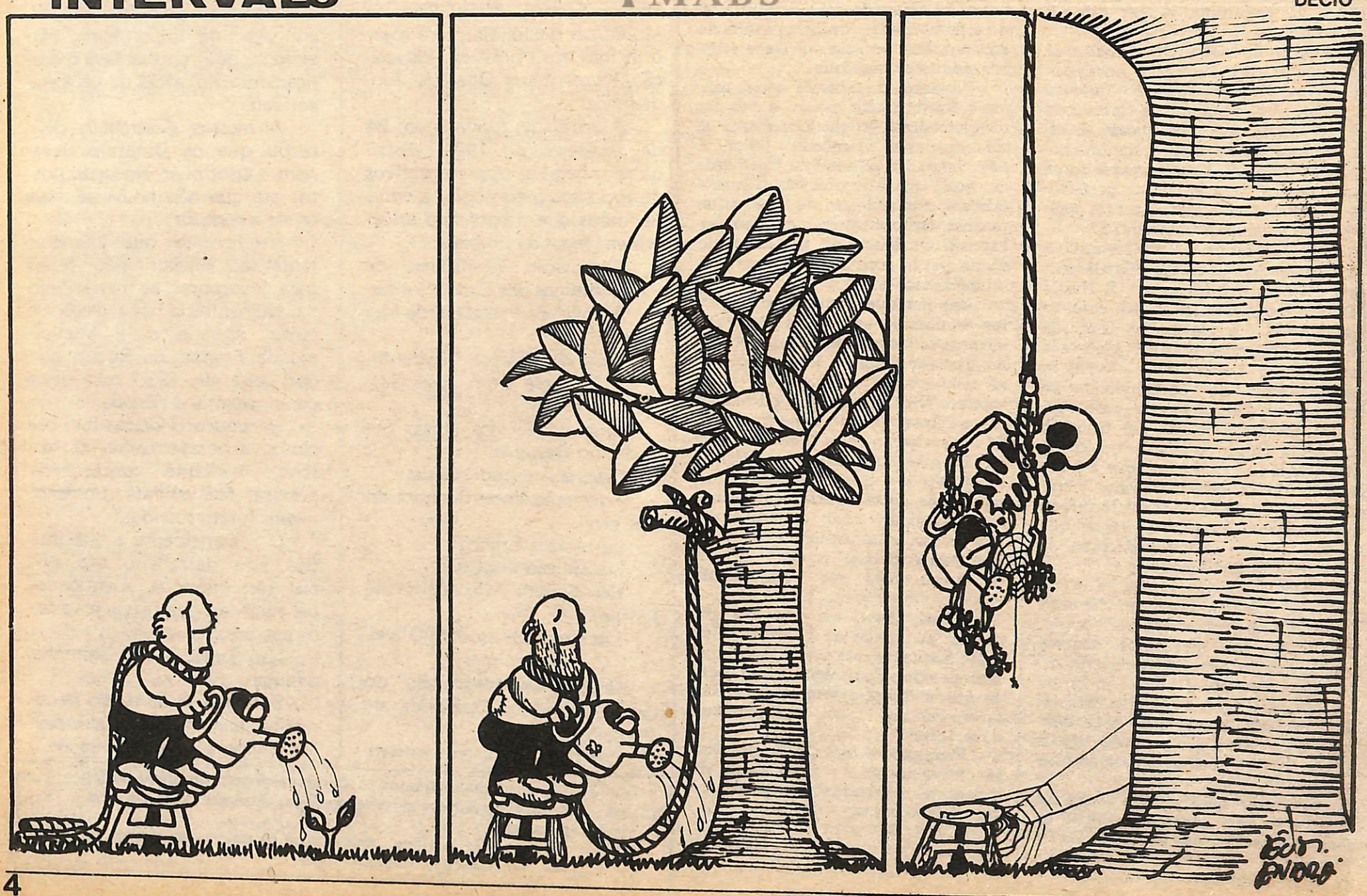
Tirocínio é um disparo certeiro no cérebro.

Refrão é um animal macho que canta fêmeas em conjunto.

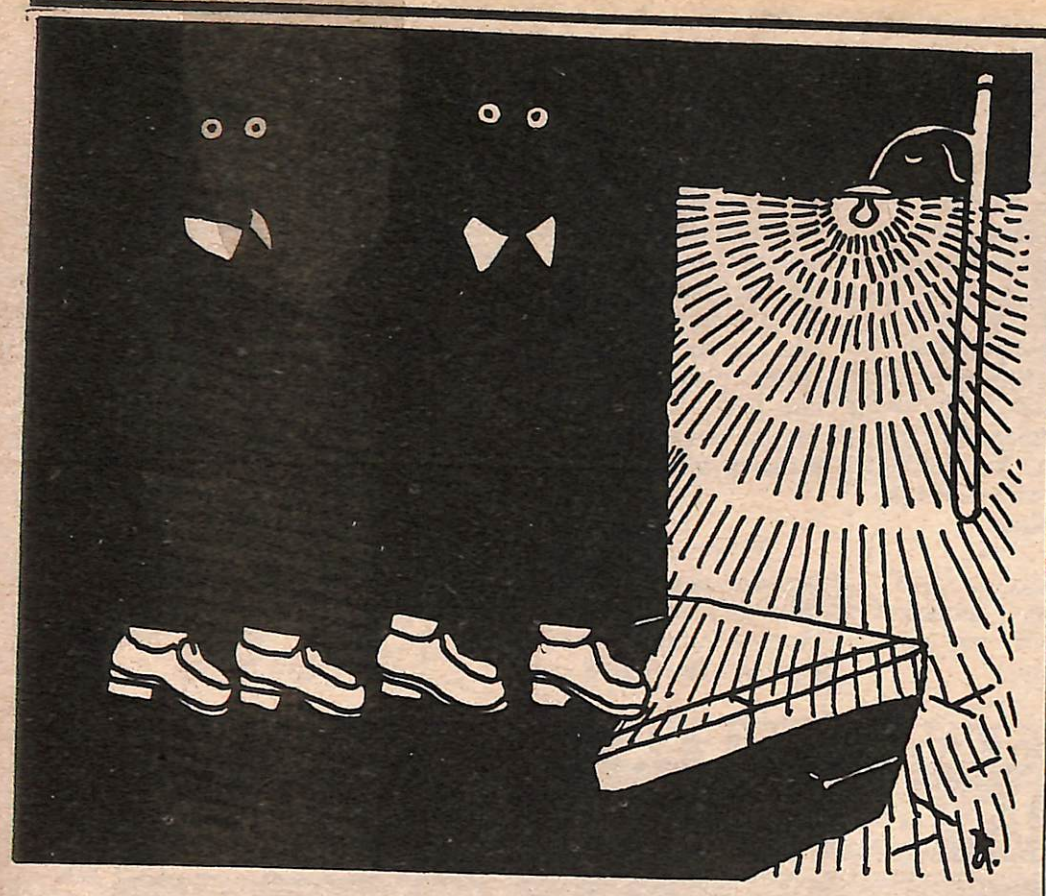
Charneca é a roupa de baixo dos trabalhadores de minas.

INTERVALO

DÉCIO



AH MABS



Eles estão aí

Era possível vê-los, quando não ateando fogo eles mesmos, aquecendo as suas pequenas almas ao redor das fogueiras da Inquisição. Se pudessem ajudar, atirariam gravetos para que o fogo não se perdesse em intensidades indecisas em sua tarefa de devorar os hereges e incinerar suas perigosas idéias.

Também foi possível notá-los a queimar livros e a soletrar hinos marciais, com as almas insufladas por rufar de tambores e tonitroantes proclamações patrióticas. Estavam prontos a tomar conta do mundo, por mil anos. E eles sempre foram, vulneráveis a gritos de guerra, a trovões e a cataclismas desencadeados por grandes chefes.

(Essa é uma de suas características. Não sobrevivem senão na subalternidade; só vicejam à sombra; são como o musgo da pedra, que é quem lhes garante a sobrevivência. Eles só imitarão os gestos que lhes forem ensinados; só tomarão as atitudes que lhes forem ensinados; só tomarão as atitudes que lhes mandarem tomar; só servirão , sempre e eternamente servirão, a quem quer que seja, a quem esteja disposto a fazer-se ouvir.)

Eles foram vistos encapuçados, empunhando grandes archotes, movendo-se em sociedade secretas, e como sempre estavam a odiar, a perseguir alguém.

(Essa é uma de suas características. Não sobrevivem senão no ódio. É a força que os move. Nunca saberão construir nada que não sejam vastos edifícios de ódio, dos quais se alimentam, dos quais extraem e que acreditam ser a sua segurança, a garantia de sua sobrevivência. Sempre se sentem ameaçados, porque são fracos, pequenos, inseguros, inconsistentes, voláteis. Agarram-se no ódio, como num escolho, como um náufrago num barco salva-vidas).

Foram vistos em brancos e assépticos hospitais psiquiátricos, em uniformes de médicos, de enfermeiros, de burocratas, classificando imaginárias doenças de seres absolutamente sãos, prescrevendo falsos tratamentos, elarando diagnósticos mentirosos, tecendo correntes de ciência em torno de mentes livres e rebeldes, rebeldes exatamente porque livres.

(Essa é uma de suas características. Não sobrevivem senão manipulando as suas ciências, as suas técnicas, as suas fórmulas e os seus padrões. Qualquer pássaro que voe parecerá, a um réptil, uma execrável ignomínia. E como em todos lados, estarão sempre dispostos a servir, não importa quem seja o senhor. Basta que haja um. Seja ele quem for, a ele se devotarão. Serão sempre fiéis: os poderosos não precisarão temê-los.)

Era possível vê-los até agora, aí mesmo, nas ruas, dentro das casas, construindo suas muralhas, comprando seus badulaques, criando seus filhos, contando e recontando seus dinheiros, projetando fórmulas para multiplicá-lo, tecendo seus planos, fiéis e canino até sua morte. Sempre dispostos a aplaudir quem lhe garanta as benesses, sempre dispostos a virar o rosto aos incômodos, sempre fixando padrões morais para poderem guiar, em segredo, sua imoralidade.

Eles estão aí, agora, irados, incrédulos e ameaçados. Sentem que há alguém disposto a tirar de baixo de seus pés o macio tapete em que acreditam pisar.

Eles estão aí mesmo, se sentem em pânico, mas são sempre os mesmos Ninguém poderá destruir-lhes o sentimento de atávico de subalternidade. Deles não nascerá e nem florescerá nada de novo. Nada há a esperar. Não se pode esperar que, de espírito estéreis, floresçam grandes almas.

Enquanto uma parte deles, sem rumo, atira palavras a esmo ao mesmo tempo em que recolhe, por precaução, o Volkswagen à garagem, a outra parte deles, mais ativa em sua sabujice intrínseca, atira lama até nas sotainas dos bispos, em obediência aos quais outrora, ativaram gravetos ao fogo.

Sandro Vaia

Percival de Souza, às voltas com o caso Tino, viajou para o Jornal da Tarde. Sua coluna voltará normalmente na semana que vem. Hoje, ficamos com uma das histórias de seu livro "A Prisão". Aí vai

"Na minha segunda semana de permanência na Casa de Detenção, foram reunidos os melhores jogadores de futebol e formadas duas seleções. Uma de brancos e outra de pretos. Um jogo em minha homenagem.

Comprei um troféu (na hora do jogo, não sei como, já tinha gravado o meu nome na plaqueta) e as duas da tarde a banda do presídio-cidade no campo do Pavilhão 8, tocando "Prá Frente Brasil". Como o jogo era em minha homenagem, dei o pontapé inical.

Foi um grande jogo de futebol, com lances de certa violência, cada time fazendo de tudo para provar que era melhor do que o outro. Com um "tapa de conhecimento" (passe excelente), os brancos terminaram o primeiro tempo vencendo por um gol.

Os comentários sobre o jogo são cheio de "pás" ("os brancos devem mexer no time, senão ,pá", vai sair gol")

No segundo tempo, os negros empatam, para delírio da torcida ("Os 'negrão' cresce na cancha". a coisa 'tá preta' pro lado dos branco")

Em volta do campo, uma multidão torce, gritando. Não existe um funcionário por perto, neste amontoado gigantesco de calças azuis.

Os quarenta e cinco minutos finais terminam com o empate. É feita uma prorrogação de quinze minutos, também sem gols. A disputa do troféu fica para outro dia.

Dezoito de maio é dia do aniversário do chefe da disciplina do pavilhão 8, Manoel Carlos de Oliveira, o Mané Caixa, como costumam chamá-lo aqui. Vai haver uma festinha no pavilhão e sou convidado por Ali Babá , um dos presos,"para dar uma presença".

Sem que Manoel perceba, fizeram um bolo enorme, prepararam refrescos e doces. No outro dia, uma escolinha de samba toca em homenagem ao aniversariante. Ali Babá, apresentador da improvisada festa, apresenta a todos, anuncia as músicas e pede para que eu, lá fora, dê um jeito de conseguir instrumentos musicais, nem que sejam velhos para os reincindentes do pavilhão 8 montarem melhor sua escola.

Bocage, um dos presos, compôs uma música para o aniversariante. ("Ele é um gande amigo, para os presos um pai"). Manoel agradece, depois de ganhar um bengala torta (os presos riram muito) e vários presentes um deles dentro de um envelope. "para ser aberto em sua casa".

Esta tarde foi de grande emoção, para muitos presos do pavilhão 8. Ninguém esperava muito que eu fosse lá, num sábado à tarde. E muito menos com Andréia, minha filha, então com 3 anos.

Pelo olhar, eu podia perceber a alegria deles pela minha demonstração de confiança — levar minha filha ali, sem nenhuma preocupação. Dezenas de "tios" carregaram a menina nos braços, arranjaram lhe bolo e copos de refresco, sorriram ao vê-la cantar "Parabéns a Você" e bater palmas. E muitos, depois de tentarem disfarçar, choraram emocionados.

Não estão acostumados a encontrar pessoas que confiem neles".

AQUI FORA...

DO CANTO LÍRICO PARA O XADREZ

Atraído pelo canto de sereia ministro Mário Henrique Simonsen está seriamente decidido a tornar o xadrez o maior de seus hobbies. Rangel, um dos jogadores que mais levam a sério sua paixão, em Brasília, já tinha como companheiros de prática desse esporte os ministros Ney Braga e Azevedo Henning. Quem pode perder com isso é o canto lírico brasileiro, do qual Simonsen é um entusiasmado cultivador.

APOIAM O PDS, MAS...

Pelo menos trinta deputados concordariam em ir para o Partido Democrático Social, que o deputado arenista Herbert Levy quer fundar, entre eles Célio Borja, Cunha Bueno e Salvador Julianelli. Mas todos eles apóiam o movimento sob uma condição: vão para o PDS desde que a Arena e o MDB sejam extintos.

O VICE-GOVERNADOR MANOEL

O vice-governador Manoel Gonçalves Ferreira Filho, em mais uma de suas teorizações sobre a ciência política, garante que democracia não é apenas o governo da maioria. E explica: o regime também é democrático se a minoria que estiver no poder voltar sua atuação para o bem comum.

HABILIDADE?

A nomeação de Afrânio de Oliveira para a chefia da Casa Civil do governo do Estado foi elogiada por muitos arenistas porque, diziam, trata-se efetivamente de um político "do ramo". Hábil, ele saberia conciliar as várias correntes arenistas no Estado. Na semana passada, Afrânio definiu assim a candidatura ao Senado (na direta) do presidente regional da Arena, Cláudio Lembo: "uma piada".

ZONA FRANCA

ÂNSIA LITERÁRIA

Sr.De acordo com a remessa postal por mim efetivada pela ECT em 3 de janeiro do ano em curso (Serviço Registrado de no. 00076), manifestei o expresso interesse em participar do supra citado Concurso de Contos.

Outrossim, ressalto que até a presente data não recebi nenhuma notificação quanto à consumação do mesmo. Levo ao conhecimento de V.Sa., entretanto, que acredito ser a ECT responsável por tal impasse, porquanto não tenha recebido esclarecimentos ou informes alusivos ao Concurso.

Como tenho receio que, em detrimento de caso fortuito ou força maior, não se tenha levado ao conhecimento do público o trabalho da Comissão Julgadora sinto-me na necessidade de omitir maiores detalhes quanto ao pseudônimo e títulos das obras enviadas.

Aguardando breve resposta e esperando que V.Sa., continue a honrar-me com a distinção de sua atenção, sou, com respeito e estima.**Germano Carretoni**

Empenharemos e responderemos com respeito e estima.

JORNAL DE GRAÇA

"Faço parte de uma Sociedade de Bairro – Zona Norte, São Paulo. Gostaria de saber da possibilidade do envio de um exemplar semanal desse jornal, para nossa coleção.

Na certeza de poder contar com a colaboração de V.Sa., antecipadamente os meus agradecimentos"**José Gonçalves Lima, rua Cunha Porto,156, Jardim Cabuçu, CEP 02238, Capital.**

Bom, quer dizer . . isso é com o .. . . não, deixa prá lá, a gente vai dar um jeito, Zé Gonça. Guentaí.

VONTADE DE ESCREVER

"É com elevada estima e muito prazer que escrevo ao meu amigo **Segundinha**.Foi num momento de vontade de escrever aos amigos, por isso me perdoem a simplicidade do papel. Não se zanguem, mas um dia, ao encontrar um amigo, perguntei a ele se tinha lido o "Jornal de 2a.". Ele me respondeu que só lia jornal de primeira. . .

Talvez ele estivesse preocupado, pois foi a uma fábrica de balança procurar emprego e estava fechada para balanço. Isso não é nada. . . estávamos em frente à funerária e ela estava fechada "por luto".

É o fim. . . não das cartas, das coisas. Você, sim, **Segundinha**,leva a vida. Quando o povo sai na segunda prô trabalho, você sai às ruas prá passear. Agora é o fim . . . do papel". Parabéns! Jundiaí, 10/5/77 D.C. (Depois de Cristo)**José Roberto Scachetti, Rua Prudente de Morais.**

Elevada estima e muito prazer prá você também, Scache. E apareça para tomar uma água tratada.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

RANGEL PESTANA - Jardim frontal e lateral, área, 2 dorm., garage, 2 salas, cozinha, lavanderia, dep.p/ empregada, quintal. Cr$ 700mil, facilitada e pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS – (16)

JARDIM CICA - jardim frontal, 3 dorm., sala, copa-cozinha, 2 banheiros, garage, salão p/ festa, quintal grande, lavanderia, dep. p/ empregada. Cr$ 800mil, facilitada e pode ser fianciada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (326)

CHACARA URBANA - tipo mansão com 4 dormitórios com armário,1 suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, copa cozinha, área de serviço, dependência para empregada, garagem fechada para 2 carros, casinha de boneca, piscina infantil. Canil, churrasqueira, quintal grande. Preço - Cr$ 1.500.000,00.**OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.**

VILA LIBERDADE- 3 dorm., suite, banheiro social, sala g grande, copa-cozinha, garage p/ 2 carros, dep. p/ empregada, jardim frontal. Cr$ 900mil,pode ser financiada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (582/584)

J ARDIM MORUMBI- Residencia nova, em fino acabamento, com 3 dormitórios com armário,1 suite, banheiro social, sala grande com 2 ambientes, jardim de inverno, cozinha, lavabo. Abrigo para 2 carros, jardim, lavanderia, dependência para empregada, quintal. Preço - Cr$ 1.300.000,00.OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PARQUE DO COLÉGIO - Ocasião - fina residência estilo suiço, com 3 dormitórios, 1 tipo suite, banheiro social, sala grande com lareira, sala de jantar, cozinha tipo Kitchen com armário embutido, azulejo até o teto, mais um banheiro completo, aquecedor central, dependencia para empregada, abrigo para 2 carros, jardim, área construída 200 m2. Terreno 12 x 25.
Cr$ 1.300.000,00.**OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

ANHANGABAÚ - Residencia nova com 3 dormitórios, 1 suite, com armários embutidos, banheiro social, lavabo, sala em L com carpete, e vidros fumê, copa, cozinha, lavanderia, dependencia para empregada, garagem ou salão, 6x8, abrigo para 2 carros. Cr$ - 1.200.000,00.**OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS**

Mansão Casa – Contendo 4 quartos, 1 suite, 3 banheiros, sal, c/ 83 m2. local p/ piscina, despensa, garagem para 8 autos, terraço em toda a volta, 2 apartamentos para empregada. Área de 5.000 m2. Ótima oportunidade, faltando somente o acabamento. Preço: Cr$... 1.700.000,00 à prazo.
Oferta Advocacia Predial

Estrada de Itu - Chácara – Com fina sede, com 2 aptos. armários embutidos, copa-cozinha, banheiro, garagem, sala. barração, área p/ piscina, cercada, campo de futebol, grande pomar formado, luz e telefone. Preço excelente p/ venda urgente.
Oferta Advocacia Predial

Rua da Padroeira - Casa – Com 1 quarto, grande sala em "L", copa-cozinha, banheiro completo, abrigo para auto. Preço: Cr$ 300.000,00 com facilidades. Pode ser financiada.
Oferta Advocacia Predial

Jardim Cica - Casa –. Na parte alta do bairro, com 2 quartos, sala, copa-cozinha, banheiro, entrada para vários autos, lindo jardim, etc. Preço: Cr$ 450.000,00. Pode ser financiada.
Oferta Advocacia Predial

Parque do Colégio - Casa – Com 3 quartos, sendo 1 tipo apto. todos com armários embutidos, grande sala em "L", copa-cozinha toda azulejada, salão de festas, garagem p/ 3 autos, fachada toda de pedra, fino acabamento. Preço até o fim deste mês Cr$ 1.200.000.00; aceita terreno de menor valor como parte do pagamento.
Oferta Advocacia Predial

SÍTIOS E CHÁCARAS

LOUVEIRA –com 15.816m2 ótima topografia, 80% plana, pomar, 7.000 pés de uva, córrego, nascente, luz, a 300m do ponto de ônibus. Preço Cr$ 350mil. -OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

PRÓXIMO A VIA NORTE mais ou menos com 35 alqueires, com casa sede, mais 3 casas simples, 6 nascentes, córrego, açudes, ótimo para loteamento de chácaras, etc.
Próximo a várias propriedades. Cr$ 15,00 o m2.
OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.

CABREUVA - com 70 alqueires, grande pasto, 22 alqueires, mata virgem, 100 cabeças de vaca, 20 suinos. Uma casa sede grande e nova, 2 casas para colonos. Pomar variado, 7 lagos, 6 nascentes, 3.600 m. Beirando o Rio Tietê, etc. À 6 km de Cabreuva. Mais informações em nosso escritório - Preço Cr$ 4.500.000,00 a combinar. **OFERTA RIBEIRO IMÓVEIS.**
BAIRRO DA CHAVE - magnífica chácara casa c/ 3 dorm.,arms. embs., sala, copa-cozinha, banheiro, jardim frontal, casa para caseiro, pequeno pomar, toda cercada. Estuda permuta com casa em Jundiaí. Cr$ 550mil, facilitada. OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS (1237)

MEDEIROS - 20.000m2, casa sede e casa caseiro, pomar, toda cercada, luz, água encanada, poço com bomba, barracão p/festa 10mx80m, com mais 2 cômodos. Estuda permuta com terrenos em Jundiaí.Cr$1.500.000,00, facilitada.OFERTA CENTRAL DE IMÓVEIS9961)

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

ITUPEVA
R. Moreira César, 139 - Fone: 434-9317

RIBEIRO IMÓVEIS
administração e venda
rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

CENTRAL DE IMÓVEIS
Rua Barão de Jundiaí, 1080
Fone: 434-3311

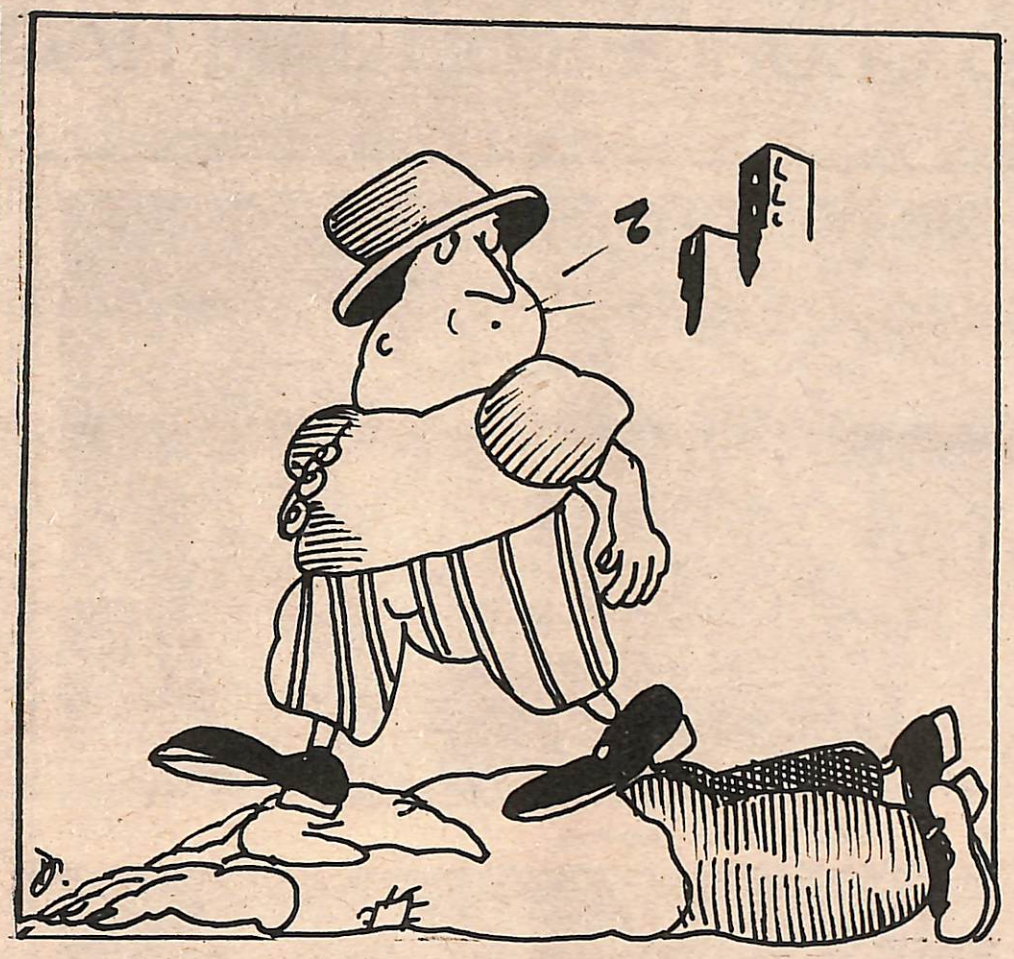
ADVOCACIA PREDIAL
ALUGA – VENDE – AVALIA
ADMINISTRA IMÓVEIS E CONDOMÍNIOS
ASSISTÊNCIA JURÍDICA
R.Rangel Pestana, 419 - Fone: 434-3473 - Horário das 8:00 às 19|hs.

Os Indiferentes

Odeio os indiferentes. Creio, como Frederico Hebbel, que "viver significa participar". Não podem existir os apenas **homens**, *os estranhos à cidade. Quem vive verdadeiramente não pode deixar de ser cidadão e* **partisan**. *Indiferença é abulia, é parasitismo, é covardia, não é vida. Por isso odeio os indiferentes.*

A indiferença é o peso morto da história, é a bola de chumbo para o inovador, é a matéria inerte em que se afogam quase sempre os entusiasmos mais esplendentes, é o fosso que cerca a velha cidade e a isola melhor dos muros mais sólidos., do peito dos seus guerreiros, porque devora nas suas águas limosas os assaltantes, os dizima e desencoraja, e os faz desistir, algumas vezes, na empresa heróica.

A indiferença opera poderosamente na história. Opera passivamente mas opera. É a fatalidade; é aquilo sobre o que não se pode contar; é o que perturba os programas, que destrói os planos, mesmo os mais bem construídos; é a matéria bruta que se rebela contra a inteligência e a destroça. O que sucede, no mal que se abate sobre todos, o possível bem que um ato heróico de valor universal pode gerar não é tanto devido à iniciativa dos poucos que operam como da indiferença, do absenteismo de muitos. O que acontece, não acontece tanto porque alguns querem que aconteça, mas porque a massa dos homens abdica das suas vontades, deixa fazer, deixa agrupar os nós que depois só a espada poderá cortar, deixa promulgar as leis que depois só a revolta fará anular, deixa exercer o poder a homens que depois só um motim poderá derrubar. A fatalidade que parece dominar a história não é mais do que a aparência ilusória desta indiferença, deste absenteísmo. Os fatos maturam na sombra; poucas mãos não vigiadas por nenhum controle, tecem a teia da vida coletiva, e a massa ignora porque não se preocupa. Os destinos de uma época são manipulados conforme as visões restritas, as finalidades imediatas, as ambições e paixões pessoais dos pequenos



grupos ativos, e a massa dos homens ignora-os porque não se preocupa. Mas os fatos amadurecidos acabam por desaguar; mas a teia tecida na sombra acaba por se cumprir: então parece que é a fatalidade a derrotar tudo e todos, parece que a história não é mais do que um fenômeno natural, uma erupção, um terremoto de que todos são vítimas, quem quis ou não quis, quem sabia ou não sabia, quem tinha estado ativo ou indiferente. E este último irrita-se, desejaria subtrair-se às consequências, desejaria que se tornasse claro que ele não contribui em nada, que não é responsável. Alguns choramingam peidosamente, outros blasfemam obscenamente, mas nenhum ou poucos se interrogam: se tivesse feito o meu dever, se tivesse procurado valer a minha vontade, o meu conselho, teria sucedido o que sucedeu?, mas nenhum ou poucos se autocritcam pela sua indiferença, pelo seu cepticismo, por não ter emprestado o seu braço e a sua atividade aos grupos de cidadãos que combatiam para evitar tal mal e se propunham conquistar o tal bem.

A maior parte deles, pelo contrário, perante os acontecimentos consumados, preferem falar de falência de ideal, de programas definitivamente desmoronados e de outras brincadeiras semelhantes. Recomeçam assim a sua ausência de qualquer responsabilidade. E não é só porque não vejam as coisas claras e que, algumas, não sejam capazes de prospectar belíssimas soluções para problemas mais urgentes ou para os que, embora requerendo ampla preparação do tempo são de igual modo urgentes. Mas essas soluções permanecem belissimamente infecundas, mas este contributo à vida coletiva não é animado por nenhuma luz moral, é produto de curiosidade intelectual, não de pungente sentido de responsabilidade histórica que implica uma vitalidade total na vida, que não admite agnosticismo e indiferenças de qualquer gênero.

Odeio os indiferentes também porque me aborrece a sua lamúria de eternos inocentes. Peço contas a cada um deles sobre o modo como desenvolveu a função que a vida lhe pôs cotidianamente, do que fez com e especialmente do que não fez. E sinto que posso ser inexorável, que não devo desperdiçar a minha piedade, que não devo repartir com eles as minhas lágrimas. Sou **partisan**, *vivo, sinto já pulsar nas consciências viris da minha gente a atividade das cidades futuras que a minha gente está construindo. E nela a cadeia social não pesa sobre poucos, para ela cada coisa que sucede não se deve ao acaso, à fatalidade, mas é inteligente obra dos cidadãos. Não há nela ninguem que esteja à janela, enquanto os poucos se sacrificam, se esgotam no sacrifício, e aquele que está à janela, de atalaia, quer usufruir do pouco bem que a atividade dos poucos consegue e desafoga a sua desilusão vituperando o sacrificado, o esgotado, porque não conseguiu o seu intento.*

Vivo, sou **partisan**, *por isso odeio o que não participa, odeio os indiferentes.*

(A. Gramsci)

Antônio Gramsci nasceu na aldeia de Ales, na ilha da Sardenha (Itália), no dia 29 de abril de 1891. Formou-se jornalista pela Faculdade de Letras de Turim e, em 1921, colaborou na fundação do Partido Comunista Italiano.

Viveu alguns anos em Moscou, onde conheceu sua mulher, a russa Júlia Schut. De volta à sua pátria, foi preso pelas forças do fascismo, permanecendo 10 anos na prisão.

Saiu em 1937 para morrer, aos 46 anos, numa clínica de Roma.

O trabalho "Os Indiferente" foi publicado, recentemente, no jornal "Avesso" dos alunos da Fauldade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Foi dali que os transcrevemos.

PREFEITURA AUTORIZA MERENDA VENCIDA

"De acordo com os laudos bromatológicos de nos. 6535 e 18105 do Instituto Adolfo Lutz, solicito de V.Sa. a gentileza de interceder junto à merendeira, para que o **Mingau Li 400 Sabor Coco** e a **Farinha Láctea c/ Arroz**; está apropriada para o consumo imediato, desde que convenientemente cozido e serviço logo após o preparo. Ass. Maria Apparecida Almeida". Com esse mal redigido ofício circular (Me/62/77 de 5/5/77) a responsável pelo serviço da merenda escolar da Prefeitura encaminhou às escolas municipais mercadorias com datas vencidas, para que com elas fossem preparadas as refeições que as crianças tomam no invervalo das aulas.

"Nós sabemos que um atestado do Instituto Adolfo Lutz merece toda confiança, mas estranhamos as duas observações, uma anotada no ofício, mandando **cozer convenientemente e servir logo depois do preparo.** e outra anotada na nota de remessa do material dizendo: **usar urgente, até dia 23/5/77"**, diz uma professora, a quem a merendeira de uma das escolas levou sua preocupação. "E foi devido a essas observações que acabamos verificando as datas de vencimento das mercadorias. Pois existe uma quantidade de farinha láctea cuja data de vencimento é agosto de 75. Outra, vencida em outubro de 1976. Outra mercadoria, chamada Nutri mental, que especifica o prazo do vencimento após seis meses da data de fabricação, que é março de 1976", prossegue a professora, que pediu para não ser identificada "não por mim, que estava disposta a fazer a denúncia porque acho que é uma responsabilidade muito grande dar essas merendas às crianças", mas porque a direção do estabelecimento ficou receosa de que pudesse sofrer qualquer punição, o corte da merenda, por exemplo, tão necessária aos alunos.

Como se não bastassem as dúvidas quanto à data de vencimento dos alimentos, um outro problema está preocupando os responsáveis pela merenda na escola: para o preparo dessas merendas o consumo desses produtos é de, mais ou menos, dois quilos por dia. A escola a que pertence a professora queixosa recebeu quantidades que ultrapassarão o dia fatal, 23 de maio.

"Recebemos quase cinquenta quilos de farinha láctea e mingau com as datas vencidas. Fica a dúvida: servimos até dia 23 e depois jogamos fora? ou jogamos tudo fora para não por em risco a saúde das crianças?", fala a professora.

A medida mais correta seria entrar em contato com a responsável, Maria Apparecida Almeida, e pedir a ela os esclarecimentos. "Nós tentamos um contato telefônico e a resposta foi lacônica: seguir as instruções do ofício. Nossa escola recebeu a mercadoria no dia 12 portanto, temos praticamente dez dias para consumir os cinquenta quilos. Ou consumir apenas os vinte necessários, para depois jogar fora quase trinta quilos de mingau e farinha láctea", conclui a professora.

A decisão de utilizar ou não a mercadoria vencida, embora inspecionada pelo Instituto Adolfo Lutz, seria tomada no dia seguinte ao que foram dadas estas informações à reportagem. Mesmo levando-se em conta que a merenda pudesse ser feita com esse material, mais da metade dele será jogado fora, "ou enterrado, conforme algumas merendeiras fazem, quando se vêem em situações idênticas", o que revela um quadro absurdo, pelo qual são responsáveis a secretaria da Educação do município, bem como a CNAE - Campanha Nacional da Alimentação Escolar, órgão responsável pelo envio das tais mercadorias vencidas a Jundiaí.

Tal fato fica ainda mais agravado se levarmos em conta a tão chorada "falta de verbas", que a Secretaria Estadual da Educação cita sempre que se fala em melhorar as condições do ensino nas escolas oficiais. Enquanto não existe dinheiro "nem para comprar giz", de acordo com as justificativas para a institucionalização das colaborações para a APM, um alimento caro está sendo jogado fora por ultrapassar datas de vencimento e quantidades de consumo.

Até quando esse fato se repetirá? Talvez até o dia em que os estudantes do primeiro grau decidam sair às ruas em manifestações públicas, como seus companheiros de infortúnio, os "baderneiros" universitários. (E.M.).

O CHORINHO ESTÁ DE VOLTA. PENA QUE OS "CHORÕES DO JAPI" NÃO ESTEJAM.

Românticos, boêmios, bêbados sentimentais, pode-se qualificar de mil maneiras aqueles homens que adoravam comer bem, beber bem, tocar e cantar, mas acima de tudo conviver bem. Não com todo mundo, mas conviver com quem soubesse dizer um verso, entoar uma canção, tocar um instrumento musical e, acima de tudo, expressar seus sentimentos, suas paixões, seu amor a uma mulher ou a qualquer outra manifestação mágica da natureza.

Românticos, boêmios, sentimentais, tudo isso eram aqueles homens que compunham o conjunto "Chorões do Japi", que já havia sido uma banda, a "Lira Branca", que fora um jazz-band, "O Oriental", mas que um dia por decisão do mais genial de seus componentes, se chamaria "Chorões do Japi" e do qual fariam parte apenas os verdadeiros chorões: o gênio Benoit Certain, o artista Aquilino Cunha, o sensibilíssimo Dorival D'Angiere, o boa-alma Jacó Rodrigues, o decidido José Doval Filho, o delicado Mário Mazzola, os virtuosos Luiz "Patápio" Chiavegatto, Augusto Úngaro e Zico Soares, o emotivo João Pupo recitador e diretor artístico do grupo.

"Saibam que o notável conjunto tinha repertório próprio.(. . .) Eles não copiaram de ninguém, não se pareceram com ninguém. Foram eles mesmos, sem esnobismo, sem espírito de imitação. Cantaram as belezas de sua cidade. Empolgaram com suas serenatas. Compuseram, executaram e cantaram as mais lindas cavatinas, os mais dolentes acordes que ao rebater no promotório da cidade alta, ecoavam na planície, lá para os lados da Ponte São João, da Barreira, da Vila Arens, da serra do Japi",, conforme escreveu a respeito dos "Chorões" um outro artista plástico, poeta e boêmio, Amadeu Accioly ("O Jundiaiense", edição de 1o. de janeiro de 1960). Amadeu Accioly que muitas vezes acompanhou os "Chorões do Japi" nas reuniões noturnas do Bar do Amleto, na Ponte, ou em piqueniques de 1o. de Maio, no Horto Florestal. Accioly que, sensível como os "Chorões", não resistia às "dalilas" dos violões e se punha a declamar Catulo, com todo o seu bom sotaque de nordestino. Accioly que vive hoje no Lar Nossa Senhora das Graças, o "asilo dos velhos", e que não conseguiu depor a respeito dos seus amigos de boemia, abalado pela emoção de tantas lembranças.

"Eu me lembro que, quando fui tocar com os "Chorões do Japi" pela primeira vez, achei que eles eram uns homens estranhos. Sabiam muita coisa, falavam versos bonitos, conheciam músicas difíceis de serem executadas. Eu não sabia se tocava ou apreciava aqueles verdadeiros artistas". Quem fala a respeito do conjunto é Mário Mazzola, 59 anos, barbeiro, excepcional violonista, dono de uma delicadeza incomparável no dedilhar das cordas. Mazzola é um dos poucos remanescentes dos "Chorões do Japi" e foi levado para o conjunto por Benoit Certain, para substituir o chorão "Bolinho", advogado que iniciava a carreira e que se tornaria o promotor público dr. João Corrêa. João Corrêa com quem Benoit Certain fazia dueto.



No Carnaval de 62, já com gente nova.



Mazzola e Aquilino, na Difusora.

"Benoit foi me procurar, talvez porque alguém tivesse falado de mim, um garoto que, modéstia à parte, levava a sério o violão, gostava de tocar certo, procurava aprender sempre. Para eles, eu era considerado "uma moça", porque não bebia, não fumava". Na verdade, Mazzola é uma pessoa que ama a música e o violão. E esse amor transcende à boemia, lhe basta. Mas mesmo sem beber e sem fumar, Mário Mazzola foi um autêntico chorão e madrugou muitas vezes ao lado dos companheiros.

"Nossas reuniões sempre tinham como pretexto um almoço ou um jantar. Esperar pelo aniversário de um amigo demorava muito. Por isso, todos os sábados à noite e domingos logo cedo a gente ia a um dos restaurantes da Ponte, da Colônia, do Caxambu, ou a um sítio no Horto Florestal, comia, bebia e depois fazia a nossa música. Tarde da noite depois dos comes-e-bebes, a gente ia fazer serenata para os amigos que não tinham ido à reunião. Era motivo para que eles acendessem as luzes da casa e nos recebessem. Nós ficávamos até altas horas da madrugada, tocando, cantando, fazendo versos", conta Mazzola.

E enquanto fala vai remexendo papéis antigos que eles conserva na mesinha, diante de sua cadeira de barbeiro. Tudo ali à mão, como um santuário de lembranças que deve ser visitado a qualquer instante, sempre que alguém fale sobre música, sobre os amigos. Esse "arquivo" traduz bem a consciência que Mazzola tem da importância de se falar sobre a nossa cultura, sobre as coisas que fazem a história da nossa cidade. Ou pelo menos a história das pessoas que faziam a cidade continuar viva, mesmo quando a maioria dos seus habitantes dormia.

Fotos, originais de poemas, letras de músicas, e até mesmo o aviso fúnebre do enterro de Aquillino Cunha, tudo está ali guardado. "Se alguém quiser aproveitar mais tarde, está aqui. Senão, que joguem fora". Essa segunda parte da frase não traduz, porém, o sentimento de Mário Mazzola, um eterno otimista a respeito dos "Chorões do Japi".

"Eu acho que os "Chorões"não morreram, nem estão no fim. Se for preciso defender um chorinho, uma serenata, ainda dá para juntar o grupo contando com os novos músicos que chegaram depois: o Diogo, o Álvaro e a Isabel Vanzan, o Nardinho. E ainda dá pra fazer coisa boa".

Realmente, Mazzola e seus companheiros mais novos, foram convidados

(continua na página seguinte)

MAZZOLA



Mário Mazzola.

Mário Mazzola está com 59 anos, mas mantém a aparência jovial dos tempos em que ingressou nos "Chorões do Japi" Com a mesma tranquilidade com que acompanha as peças mais difícies, de autores famosos por comporem "músicas de derrubar o violão", Mazzola atende seus fregueses no salão de barbeiro que mantém à rua Dr. Almeida, 171.

Participou dos primeiros shows musicais, quando foi inaugurada a Rádio Difusora de Jundiaí. E já acompanhou grandes cantores que aqui vieram realizar espetáculos. Gilberto Alves entre eles.

Autor de um prelúdio para violão, de inúmeros sambas-canções "do tempo de moço" quando a gente era apaixonado e revoltado", Mazzola escreveu um poema para Cátia, neta de seu parceiro Cardosinho, onde está presente "a minha sensibilidade . Acho que a gente volta a ser criança, depois que fica velho". Este é o poema intitulado "Cátia": "Sorriso/ criança/ Futuro esperança/ No banho cheirosa/ Perfume de rosa/ De um mundo melhor./ Seu meigo olhar/ Face rosada/ Seu lindo sorriso/ Meu amor tudo diz/ No seu perfume/ Vive a esperar/ O seu crescimento/ Grande momento/ Feliz cantando/ Deus abençoar".



Os "Chorões", na despedida de solteiro de Dorival D'Angieri (1939): sentados, "Patápio", João Pupo, Atílio D'Angieri, Dorival D'Angieri, Augusto Úngaro, Pedro Duarte. Na segunda fila, Flávio D'Angieri, Luiz Bonilha, Benoit Certain, Mário Mazzola, João Castiglioni, Orlando D'Angieri. Ao fundo, Benedito Soares, José Doval Filho, Alberto Galetto, Jacó Rodrigues e Aquilino Cunha.

para participar da "Noite da Seresta" que a prefeitura está promovendo. Apesar de não usarem o nome de "Chorões do Japi", eles estão se preparando para uma apresentação em público. Será, certamente, uma das grandes noites da seresta que a prefeitura está querendo reviver.

Mas Mário Mazzola gosta mesmo é de falar dos velhos companheiros. "Aquilino Cunha era um músico extraordinário. Como clarinetista, recebeu muitos eleogios dos maestros que dirigiam a banda da Marinha brasileira, onde tocou quando era jovem. No museu de Jundiaí deve haver ainda a caderneta de Aquilino, com as anotações elogiosas".

Os dotes musicais de Aquilino Cunha tiveram um outro aval importante, quando o músico já estava idoso, precisamente três anos antes da sua morte. Foi num churrasco no sítio de Dorival D'Angieri, quando ali estava Jacó Bittencourt, o Jacó do Bandolim. Depois de ouvir um solo de Aquilino, Jacó cumprimentou-o emocionado, com os olhos cheios de lágrima. E Aquilino, que tinha por Jacó um respeito que se deve a grande mestre, chorou também.

Esse chorar fácil, esse emocionar-se até as lágrimas, fosse por prazer, fosse pela lembrança de uma dor, sempre foi uma característica dos homens que compunham o "Chorões". E eles nunca esconderam esse jeito de ser.

"Passaram muitos anos/Até o passado morreu/Não chores mais, minha mãe/Quem chora agora, sou eu", são versos de um poema de José Doval Filho feito para sua mãe. "Da tua louca aberração já atingiste o cume/ Mulher, és podridão em forma de perfume"é o lamento, a maldição dirigida por Benoit Certain a uma mulher que não lhe correspondeu o amor. Sempre o amor, sempre a emoção tangendo os nervos desses apaixonados boêmios.

E as mulheres desses chorões? As esposas não reclamavam, não se aborreciam com as noitadas dos homens?

"As esposa deles sempre foram mulheres fantásticas. Sempre entenderam que eles precisavam disso para acalmarem-se, para chegarem bonzinhos em casa. Aliás, nós nunca fazíamos as reuniões nas casas simplesmente porque isso poderia atrapalhar as mulheres. Elas entendiam isso. E, que eu sabia, nenhum dos "Chorões" jamais teve um problema sério com a família".

De fato, uma das proezas dos "Chorões do Japi" estava no fato de jamais faltarem aos seus compromissos, em casa ou no trabalho, por causa da boemia. O que variava, entre eles, era o conceito dessa responsabilidade. Benoit Certain, por exemplo, às vezes sumia da cidade. Tempos depois, surgia vindo do Rio de Janeiro, trazendo músicas novas, contando novidades, seus contatos com artistas famosos como Pixinguinha.

"Benoit foi uma escola para todos nós", fala Mazzola. "Nós aprendemos "Carinhoso" com ele. E outras tantas músicas que ele trazia do Rio de Janeiro, onde as ouvia diretamente dos seus autores".

Também José Doval Filho, o Zé Baleia, correpondia-se com músicos de São Paulo e do Rio. Recebia as novidades em partituras ou em disco, que as casas musicais ou mesmo os autores lhes mandavam pelo correio. "Zé Doval era líder do conjunto. Fazia questão de pagar a parte dos companheiros que não tinham dinheiro. E fazia isso por prazer, pelo orgulho de conviver com os amigos. Era uma pessoa maravilhosa", prossegue Mazzola. E de cada um dos "Chorões" há uma história a ser contada.

Luiz Chiavegatto era apelidado "Patápio" porque a sua flauta era comparável à de Patápio Silva, o maior flautista brasileiro da época. De Dorival D'Angieri comenta-se que foi o introdutor do surdo em acompanhamentos de chorinhos e valsas: a suavidade do seu toque faz o instrumento soar como um contrabaixo, na marcação do ritmo. Zico Soares solou a protofonia do "Guarani", acompanhado de grande orquestra no Teatro Municipal de Campinas. De Benoit chegou-se até a dizer que era o autor da letra de "Carinhoso" e que a teria vendido, ou dado, a Pixinguinha.

São quase-lendas cercando as incríveis personalidades dos "Chorões do Japi". Mas uma coisa é verdade: os "Chorões" sempre foram homens que amaram a vida. E que a viviam da maneira como julgavam certa.

Além disso, eram cultores da legítima música brasileira. Interpretavam peças de Nazaré , Pixinguinha, Zequinha de Abreu, Çatulo,Antenógenes Silva, Ary Barroso, Lamartine Babo, Orestes Barbosa, Paraguaçu. E participavam da vida musical da nossa gente, fazendo suas próprias músicas, cantando suas emoções, falando da sua terra.

Música feita "pela inteligência não lapidada, mas bruta, latente no indivíduo, aquele que compõe um samba ao som do maracá improvisao numa caixa de fósforos; que deita rimas maravilhosas nos mármores frios das mesas dos Cafés; que improvisa na mais admirável mecânica mental; que derrama no ar a voz dolente apaixonada numa valsa em três partes longa talvez, mas rica na letra e na ênfase musical", conforme escreveu Amadeu Accioly em sua reportagem.

Tudo isso faziam os "Chorões do Japi", desde o distante 1921, quando o conjunto foi batizado com esse nome, até há bem pouco tempo, nos primeiros de Maio comemorados numa capoeira de mato do Sítio Casa Branca da Serra, no Horto Florestal.

Não fazem mais? Morreram os "Chorões do Japi"?

"Não morreram, não. Se precisar defender um chorinho, ainda dá para reunir alguns. Álvaro Vanzan, Diogo, Nardinho, Vasinho D'Angieri. E a voz maravilhosa de Isabel Bigas Vanzan, que deu nova vida aos "Chorões", e os fez renascer". É a esperança de Mário Mazzola quem diz isso. E a gente fica aqui a torcer para que os "Chorões do Japi" não morram nunca, como convém, aliás, a todos os imortais. (E.M.)

RECORDANDO

Uma característica dos "Chorões do Japi" era o fato deles apresentarem um repertório próprio, sempre que mostravam sua arte em festividades públicas.

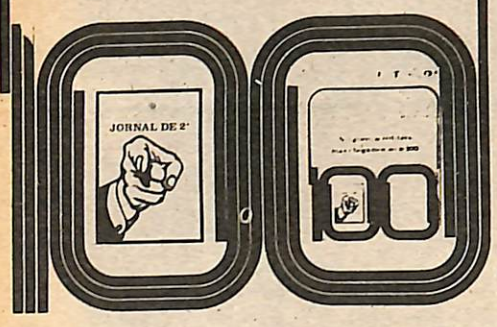
Estas são algumas das muitas letras de músicas e poemas feitas por algum dos componentes dos "Chorões".

"Sai da Frente", Marcha de Dorival D'Angieri e José Doval Filho: "Sai sai da frente/Por favor, oh, sai daí/ Pois temos grande pressa/ E queremos vinhos à bessa/ Vinho bom de Jundiaí./ Só esta terra tem/ Vinhedos formidáveis/ Videiras inigualáveis/ Com suas festas também/Tem um povo admirável/ Tem um parque industrial/ Tem um vinho divinal/ Que outras terras não têm/ Os vinhos de Piemonte/ De Borgonha e do Reno/ São todos "café pequeno"/ Comparando-se aos daqui/ Nem o Porto ou Madeira/ Nem de Málaga ou Alicante/ São tão os bons, inebriantes/ Iguais aos de Jundiaí".

"Morena Linda de Jundiaí" Marcha de Benoit Certain: "Menina linda de Jundiaí/ Da Colônia ou da Ponte São João/ Da cidade, da Vila Arens/ Da Barreira/ A vida inteira/ Eu te dou meu coração./ Se teu clube/ For o Tênis, ou Cassino/ Banda Ítalo/ Ou então Minas Gerais/ Eu torço para teu clube/ Para teus olhos/ Eu torço muito mais".

"Mulher" Soneto de Benoit Certain: Mulher, que pensas ser além do pó, do nada/ Ostentando na máscara o véu da hipocrisia/ Quando é que te verás cansada/ De fazeresdo amor carne ossincracia/ Não vês que este corpo vil infecto se enfada/ E que a terra o comerá sem fazer cortesia/ E que a Beleza toda se acabará em nada/ Ó torpe profanação do amor e da poesia/ Só a mentira é mais cruel que a morte/ No entanto, mentes e erras como um barco sem norte/ Consagrando-te em tudo onde existe a má sorte/ Da Vaidade és o templo ornado do ciúme/ Da tua louca aberração já atingiste o cume/ Mulher, és podridão em forma de perfume".

NA SUA CENTÉSIMA EDIÇÃO, O JORNAL DE 2a. MOSTRA UM POUCO DA HISTÓRIA DA IMPRENSA JUNDIAIENSE, CORAJOSA E HONESTA. ISSO, NOS BONS TEMPOS EM QUE A VERDADE ERA O QUE MAIS IMPORTAVA.



Jornal de 2a., ou como circular com alguma dignid

Chegamos ao número 100, com todas as dificuldades que a Imprensa passa nestes tenebrosos dias e um saldo encorajador de denúncias. Há quase dois anos circulou a primeira edição, houve algumas mudanças em todos os setores deste semanário, mas ficou aquele dedo indicador da capa, um símbolo da vigilância a que todos ficamos comprometidos.

Ao longo desse período, em várias ocasiões, houve o perigo iminente de fechamento, principalmente em consequência do violento desequilíbrio entre receita e despesa. Mas o que restaria além do **J2a.** para abordar alguns temas delicados e importantes da vida pública, em seus tres níveis, para a população da cidade?

Suportando o déficit, o **J2a.** atravessou esses perigos e continua a circular, para alegria de uns e aborrecimentos de outros. E assim continuará, até que não mais seja possível sua publicação ou que não represente coisa nenhuma dentro dos princípios que norteiam sua linha de atuação.

O exemplo histórico da Imprensa jundiaiense é bastante claro quando mostra que os jornais dignos que já foram publicados passaram também por esses problemas. E os testemunhos confirmam que os jornalistas sempre tiveram que enfrentar os problemas financeiros para não abdicar dos interesses coletivos. O que impede o **J2a.** de se mostrar como um inovador, mas permite que, sem arrogar hierísmo, se enquadro dentro desse contexto.

A FOLHA

A luta dos antigos jornais começou ainda no século passado. **A Folha** foi fundada em 1893 por Tibúrcio Estevam Siqueira, que sempre teve, através dos 53 anos que dirigiu o jornal, muita preocupação em se manter independente.

Por volta de 1917, Tibúrcio - um ótimo jornalista e péssimo administrador - convidou o irmão Francisco para ser o gerente. Na época, funcionavam juntos o jornal, a tipografia e a papelaria onde é hoje a Caixa Econômica Estadual. Isso durou alguns anos até que Francisco saiu da sociedade para montar uma gráfica.

Mas ele voltou para ajudar o irmão. O jornal não dava lucro, vivia de irrisórias publicidades e assinaturas, sendo às vezes preciso cobrir despesas com o lucro das outras atividades. Um incidente, em 1933, tirou Francisco definitivamente do ramo jornalístico.

Nesse ano, os soldados do Nordeste instalados em Jundiaí por força de Revolução de 32, estariam violentando moças que se encontravam sozinhas em lugares desertos.

Depois de comprovado o fato, o jornal não teve dúvidas: noticiou. A ira dos soldados se abateu sobre o bar do Rosa, que foi inteiramente depredado, e sobre a casa de Francisco. Eles queriam empastelar a gráfica, mas encontraram a porta de aço fechada. Então destruíram completamente o que havia dentro da residência e se a família não tivesse batido em retirada, os soldados provavelmente terial enforcado Francisco, conhecido como Chico da Folha, e confundido com o irmão Tibúrcio.

Com esse incidente, a sociedade na famı lia se desmanchou. Tibúrcio continou com o jornal, vendido ao Círculo Operário em 1946, Francisco ficou com a papelaria e os outros irmãos com a gráfica. Posteriormente e em circunstâncias ainda hoje discutidas, Tobias Muzaiel comprou o órgão e o transformou no **Jornal de Jundiaí**

"O JUNDIAIENSE"

A história de "O Jundiaiense" começou em 12 de agosto de 1901, fundado por político da época. Circulava às terças e quintas-feiras, como voz oficial do Partido Republicano Paulista. Dez anos depois, Elói de Miranda Chaves, deputado, Olavo de Queiroz Guimarães, prefeito, e Manoel Pereira de Arruda, jornalista, foram até Itatiba para trazer Secundino Veiga, um corajoso e inteligente polemista. Em poucos dias, estava dirigindo o jornal.

O filho de Secundino, Carlos, é quem conta a fase diária de "O Jundiaiense":

"Aos 28 de outubro de 1928. **"O Jundiaiense"** anunciou alvissareiramente a sua circulação diária, dando nessa arrancada um passo gigantesco na história do jornal em nossa terra.

"Reconhecido o velho jornalista pelo seu caráter e pela inconvertível honestidade com que exercia profissão, a Associação dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, em 1948, conferiu-lhe a "Medalha do Mérito Jornalístico", sendo, nesse ato, o primeiro jornalista interiorano a receber a honrosa láurea.

"Em julho de 1947, a Sociedade Amigos de Jundiaí, juntamente com a Prefeitura Municipal e o Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, em ruidosa festa popular, agraciou-o com fulgurante medalha de ouro, onde se via gravado:"Ao Jornalista Secundino Veiga, homenagem de Jundiaí. 25.7.47. Honra ao Mérito".

"Incontáveis foram as refregas políticas e as cruzadas sociais encetadas por **O Jundiaiense.** Teve papel relevante na Campanha de Lepra lavada a efeito no Estado e da qual resultou a implantação dos pavilhões de Jundiaí na Colônia-Hospital de Pirapitinguí. Muitas conquistas de ordem pública deve-lhe a cidade e sua gente, às quais não caberiam no âmbito estreito destas linhas".

No dia 31 de janeiro de 1935, Carlos Veiga assumiu a direção do jornal, onde ficou durante mais 25 anos. Em 1959, Fernando Gasparian (hoje diretor do "Opinião"), Fernando Pedreira (agora diretor redator chefe de "O Estado de São Paulo) e Fernando Henrique Cardoso ficaram com o jornal até 63, quando passaram para Paulo Marques. Ele o transformou no **Diário de Jundiaí** e o vendeu mais tarde para Tobias Muzaiel, que acabou por fechá-lo.

A COMARCA

Sob o lema "[illegible] **A comarca** foi fu[illegible] 1926, publicando [illegible] nicas sociais e lite[illegible] João Batista Figue[illegible] te conhecido e re[illegible] cuidado de fazer [illegible] imparcial.

Afastado de A[illegible] lho João Batista [illegible] Casimiro Brites F[illegible] parar em 1959. D[illegible] órgão apesar dos [illegible] cos militantes - ti[illegible] distante de partid[illegible] jornalismo isento.

Por isso, che[illegible] de morte quando [illegible] para a moralização [illegible] Partindo de uma d[illegible] médico veterinário [illegible] dos de sanidade d[illegible] miro acabou se c[illegible] de cuidar de sua [illegible] equipamento gráfi[illegible] jornalística.

OUTROS JOR[illegible]

A Comarca, O [illegible] ram os jornais qu[illegible] cidade. Houve [illegible] efêmera com os [illegible] **A Epocha, O Tiro [illegible] de Outubro, O 4 de [illegible] O Município;** e [illegible] **A Farra, A Agu[illegible] No Zóio, O Desin[illegible]** ples humor, faziam [illegible] ironia, arma contu[illegible] meço do século.

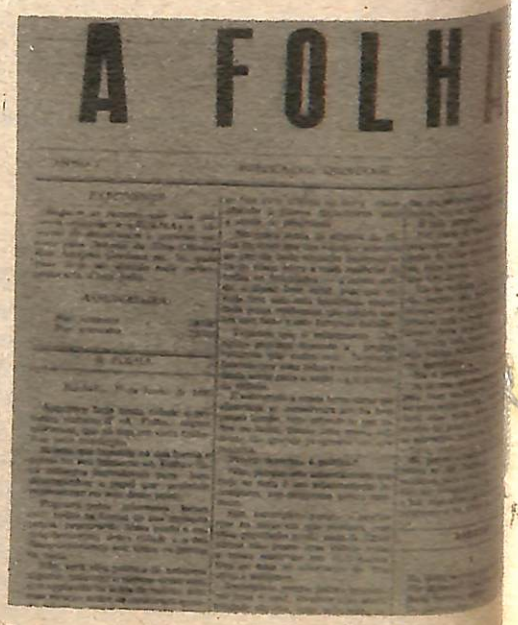
Apesar das va[illegible] todos sempre tiver[illegible]



Casemiro: liberal democrata.



Chiquinho da Folha: gerente.



A Folha, jornal independente.



Esta é uma foto histórica: os três grandes nomes do jornalismo do passado estão presentes: a partir da esquerda João Batista Figueiredo, Tibúrcio Siqueira e Secundino Veiga. Na ocasião, recebiam uma homenagem da Assembléia Legislativa de São Paulo, através da presidente Conceição da Costa Neves.

ver. A venda de banca não existia, a única fonte de renda eram as assinaturas e publicidade, que nunca deixaram ricos nenhum de seus proprietários, interessados somente em idealismo e convicções políticas.

Francisco Siqueira Filho, dono da Tipografia Popular, sobrinho de Tibúrcio Siqueira e filho do "Chico da Folha" diz que não tem interesse nenhum em fazer qualquer espécie de jornal. Ele, que se diz um comerciante, afirma que seu negócio é vender, mas um jornal implica em muito mais que isso, sobretudo o compromisso com a verdade.

Seu pai, que tem agora 83 anos, conta que nunca teve lucro com **A Folha**, pelo contrário. O déficit do jornal era coberto com os negócios tipográficos, sendo um capricho bastante caro naquele tempo. Hoje, pai e filho dizem que o anúncio "é uma prostituição", bem diferente da linha independente da Imprensa antiga.

Por outro lado, Casimiro Brites Figueiredo se ocupa agora dos negócios particulares, com o cargo de presidente da Casa de Saúde "Domingos Anastácio". Com 73 anos e uma lucidez incomum, ele se mantém longe dos movimentos políticos, mas suficientemente perto para analisar friamente os maus dias por que passa o País.

"Sou um liberal democrata, como meu pai e meu avô", assim Casimiro se define e foi desta maneira que sempre procurou dirigir **A Comarca**. Apesar do grande tempo passado, ele se lembra muito bem das posições que assumia e as inevitáveis consequências, como o não empastelamento do jornal na época da Revolução de 32 por **milagre:** as disputas políticas entre os conservadores e republicanos. Até da carta que Luiz Jacinto Borges recebeu ameçando-o de morte caso não abandonasse as fileiras comandadas pelo coronel Siqueira Moraes. Para a época, a resposta publicada foi audaciosa: era um convite para a missa de sétimo dia, já que não mudaria por não temer o anônimo "filho de mãe solteira".

Era naquele tempo em que fazer jornalismo se constituia, em último lugar, um negócio. Independentemente de se considerar válidas ou não as posições assumidas, jornais sempre se bateram pela linha ideológica que adotavam. Nesse sentido, os três jornais que mais duraram devido à estrutura de empresa que tinham, não eram muito diferentes daqueles pequenos periódicos que pouco tempo circularam.

Entretanto, a Imprensa corajosa de Jundiaí faleceu há mais de dez anos. Virou apenas um mero negócio, onde se trocam anúncios por compromissos de calar, na melhor das hipóteses, e de elogiar.

Enquanto as figuras de Tibúrcio Siqueira, Secundino Veiga e João Batista Figueiredo e seus descendentes mais diretos já quase se misturam ao amarelo das páginas dos seus velhos jornais, o ideal por que lutavam está sendo vilipendiado todo dia. Os jornais, agora, estão completamente descaracterizados de qualquer posicionamento, preferindo ficar ao sabor da corrente das verbas publicitárias mais gordas.

Nessa situação, a verdade e a mentira estão, próximas demais, tanto que se confundem nas meias-verdades. O jornalista Mino Carta é quem diz: ... eu diria que para o jornalista o que interessa é a verdade factual. E ela é absoluta, definitiva, irremediável".

É dentro disso que o **J2a.** procura se manter, com as eventuais falhas que podemocorrer mais os comentários feitos sobre os fatos para levar os leitores a uma compreensão mais profunda. Não transigir com a verdade, no entanto, não implica necessariamente em radicalismos. O papel que o **J2a.** agora desempenha está longe de qualquer perfeição, mas muito próximo dos objetivos do jornalismo, no sentido mais estrito dessa palavra. E se o jornal se encontra praticamente sozinho nessa posição, é simplesmente porque os outros diários se distanciaram demais do papel que deveriam exercer. Muito menos por culpa dos jornalistas que trabalham em Jundiaí do que dos proprietários, hábeis barganhadores que busca o lucro, mesmo que isso signifique o sacrifício da dignidade da profissão. Extamente como aconteceu ao **Jornal da Cidade,** fundado em 1969, que se desviou tanto dos bons propósitos iniciais que seus fundadores estão quase arrependidos de o terem começado. **(Carlos Kazuo Inoue)**



O Jundiaiense de Secundino Veiga.



A Comarca, popular.



O Município, fundado em 1921.



Este jornal era de Carlos Veiga, colaborador do J2a., que o montou especialmente para combater o Estado Novo, em 1938.



Dr. Wolf: "Cortázar é um chato".



Luiza: uso de palavras indecorosas.



Vasconcelos: o palavrão assusta.

Calma! O resultado do Concurso de Contos vem aí.

Por razões completamente alheias à nossa vontade, o resultado do Concurso de Contos do J2a. ainda não saiu. Mas não se desesperem. O júri está trabalhando para a breve divulgação.

Um pouco mais de paciência, leitores. A grande quantidade (inesperada) de contos que recebemos para o concurso não permitiu que cumprissemos o prazo que estipulamos para dilvulgar o resultado. Os jurados estão trabalhando febrilmente na dura tarefa de avaliar os trabalhos que, podemos adiantar, são dos mais diferentes níveis.

Antes do resultado final, três dos participantes do corpo de jurados falaram sobre o que estão achando dos contos que já leram: o médico Wolf Herbert Nossak, a presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí Luiza Rocha Rafael e o professor João Vasconcelos. Não se trata de uma prévia, mas sim uma apreciação parcial e genérica a respeito dos trabalhos.

O dr. Wolf disse que "existem alguns com grandes possibilidades de uma boa classificação", pelo menos quatro dos quase sessenta que já leu. Por outro lado, descobriu que há muitos que tendem para a crônica e outros qualificados como "umas coisas que são apenas droga".

Ele acha que os autores que tentaram seguir o estilo de cronistas contemporâneos se deram muito mal, ao contrário dos que não se preocuparam com isso e escreveram, aparentemente, mais espontaneamente, conseguindo melhores resultados. Para o dr. Wolf, a pretenciosidade de vários concorrentes em escrever dentro do que é considerado "moderno" acarretou em redundâncias, erudições desnecessárias e expressões fora de lugar por causa da falta de domínio do estilo.

Sua preocupação com o critério de julgamento é muito grande, tanto que acharia justo se levar em consideração a idade dos autores. O dr. Wolf afirmou que se poderia ter, por exemplo, alguma condescência com o contista jovem e sem muita experiência que realizou um trabalho simples, porém agradável. Por outro lado, seria menos valorizado aquele de mais idade, preocupado com o aspecto formal, mas que fracassou na tentativa de construir a história.

E existem outras particularidades, como disse o dr. Wolf, que encontrou também algumas incursões pelo estilo de João Antonio e Rubem Fonseca. A grande maioria, pela falta de uma experiência real, acabou conseguindo fazer exatamente nada em termos de literatura. No mínimo soaram falsos.

— Em termos de incentivo — disse o médico — o concurso foi muito bom para aqueles que gostam de escrever. Mesmo que surjam apenas 10 por cento de contos aproveitáveis, já chega a ser um resultado compensador, apesar de alguma indefinição quanto ao estilo.

Essa opinião ele dá com toda a imensa quantidade de leitura que faz, apesar de ser um médico neurologista. Isso não o acanha em dizer que acha Julio Cortázar um "chato":

— Pode parecer uma heresia, mas para mim ele é um chato. Não faço restrições ao seu estilo, só que pessoalmente não consigo ler seus contos sem me aborrecer. De qualquer forma, é difícil dizer o que é estilo moderno. Drummond, Rubem Braga, Clarice Lispector, Fernando Sabino, Dalton Trevisan, eles escrevem da maneira particular de cada um.

O dr. Wolf, no entanto, vê os contos do concurso com alguma benevolência, já que não está se preocupando nem com a correção gramatical. Um aspecto porém, não lhe escapou da observação: todos aqueles que tentaram introduzir alguma mensagem chagaram a tímidos resultados.

Já a presidente da Academia de Letras e Artes Luiza Rocha Rafael é mais genérica, afimando que "como em todos os concursos, temos o lado negativo e positivo. Em alguns contos é evidente a bossa de contista: textos de qualidade, bem elaborados, criativos e com linguagem acessível, dignos de elogios".

O aspecto negativo a que se referiu se prende à "imoralidade" de alguns autores:

— Muitos deturpam o conto, pensam que ele é uma oportunidade para expandir seus instintos imorais. Usam palavreado indecoroso e o conteúdo é de baixo nível. Eles descrevem minuciosamente as cenas, é uma vergonha. Esses nunca poderiam ser colocados numa revista ou jornal. Se o conto é bom, prende a atenção, aí dá para se conhecer o verdadeiro contista. Não é preciso usar de palavreado indecoroso, mesmo porque às vezes um simples conto pode ter um conteúdo sadio.

Apesar dessa queixa, ela friza a importância do concurso, pois "ele virá a contribuir no meio literário para os novos escritores, que ainda poderão produzir obras de real valor, talvez incentivados por essa oportunidade".

O professor João Vasconcelos, por sua vez, não deu tanta importância (assim como o dr. Wolf) ao uso de um vocabulário mais cru:

— O palavrão é uma coisa que sempre existiu na literatura: o próprio Aluízio Azevedo em "O Cortiço" usou essa forma de expressão. Mas acontece que o próprio termo "palavrão" assusta um pouco apesar do fato ocorrer numa roda de amigos, por exemplo. Às vezes, a gente lê um romance que a própria estrutura da época em que foi escrito, poderia ter sido mal empregado, mas é perfeitamente válido.

O professor Vasconcelos acha que, pelos trabalhos que já leu, o nível é de razoável para bom:

— Há contos de conteúdo muito bom, mas com forma um pouco tradicional, alguns pode-se admitir que são bem fracos. Outros se preocupam bastante com a forma, mas o conteúdo é banal. Há alguns autores que se preocupam em "cantar" a gente, enquanto outros que se percebe serem iniciados nos contos, pois distribuem o contéudo dentro da forma.

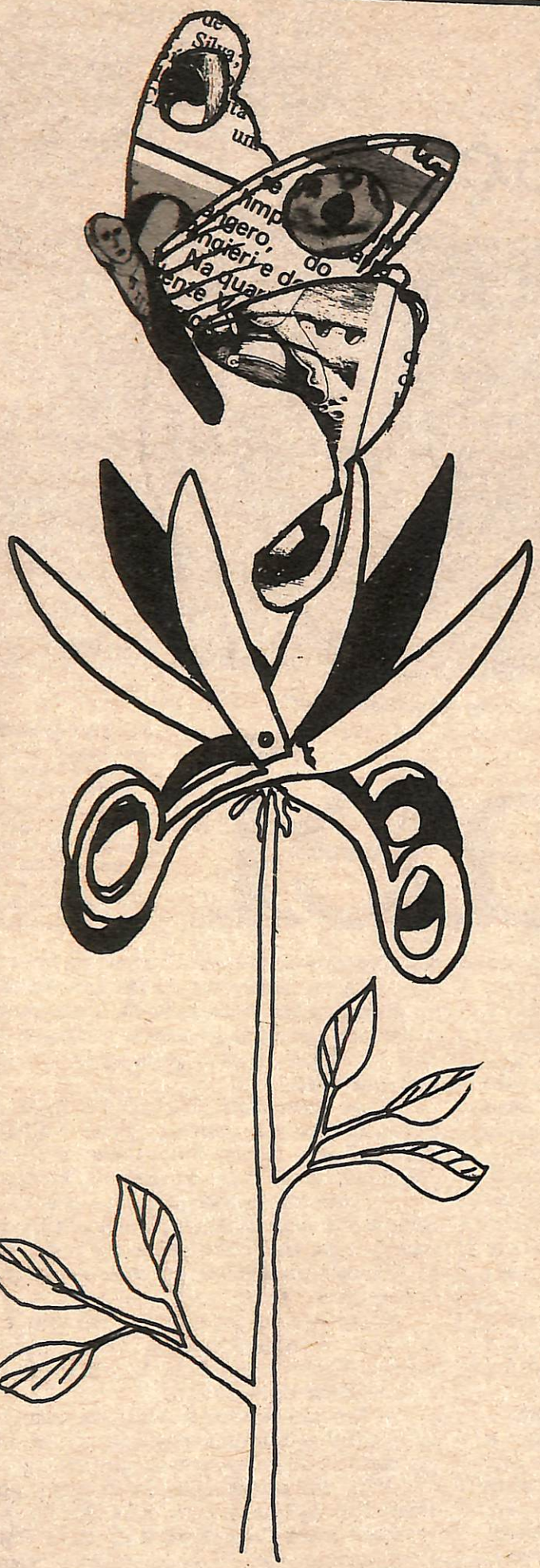
Ele dá muita importância à literatura como uma representação da realidade, o que encontrou em alguns trabalhos. "Em alguns contos que eu li — falou — há muita exploração da prostituição. Eu acho válido, é uma realidade e que nós não podemos ficar alheios a esses problemas".

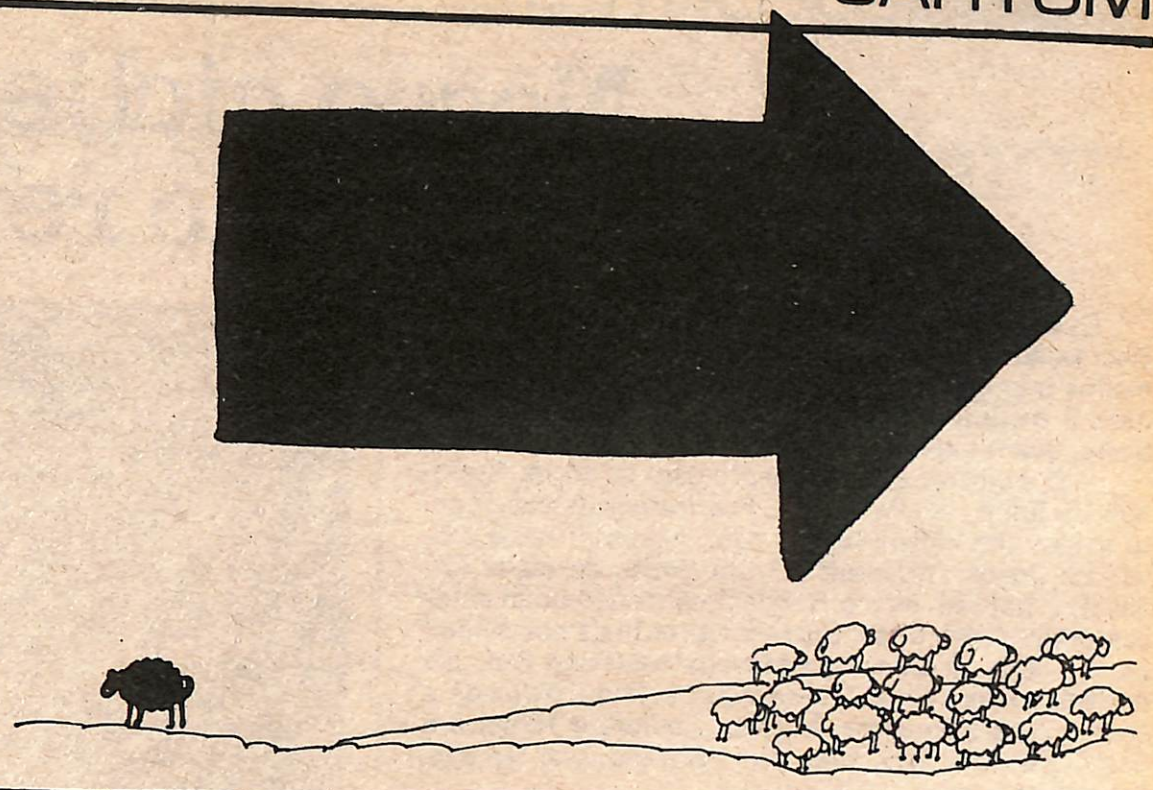
Três jurados e três maneiras diferentes no procedimento e critério de de avaliação. Enquanto eles terminam o estafante trabalho de encontrar os melhores, aguardemos. Já que não resta outra coisa a fazer. Perdão, leitores e concorrentes, pelo atraso. Mas houve aquilo que chamam de "causas que escaparam totalmente do nosso controle".

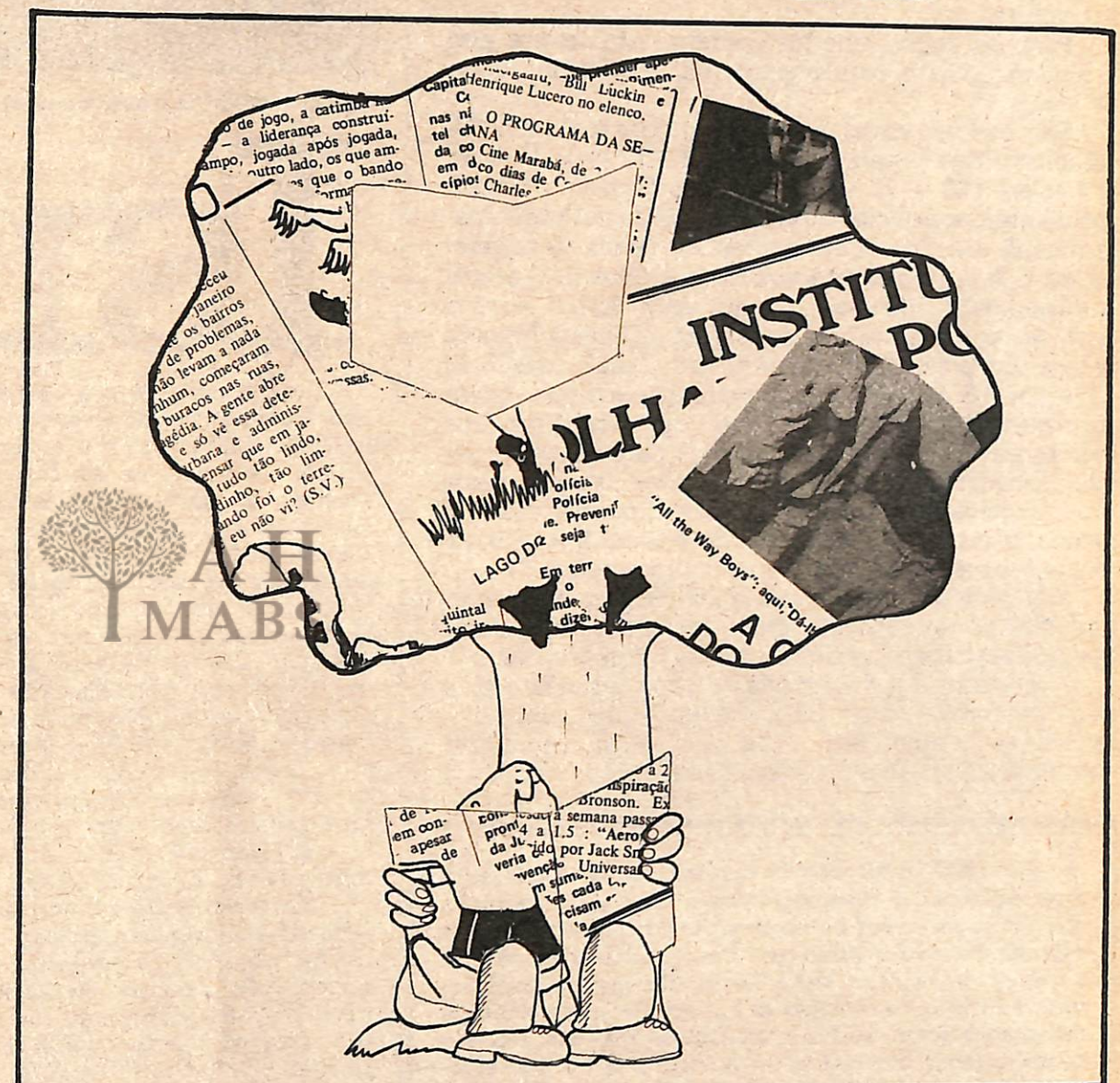
FLORICULTURA
EDEN
FLORES NATURAIS – PLANTAS ORNAMENTAIS
DECORAÇÕES PARA FESTAS E CASAMENTOS
ARRANJOS FLORAIS PARA ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS E RESIDÊNCIAS
Décio
Rua Coronel Leme da Fonseca, 408 - Fone: 434-2602

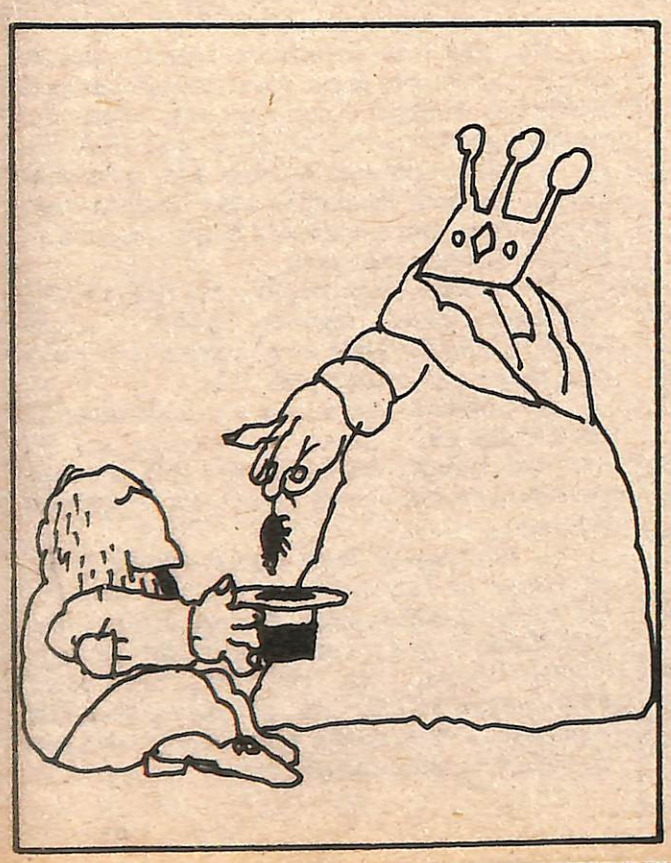
PICOLOTUR
TRANSPORTA ALEGRIA
EXCURSÕES PARA TODO O BRASIL E E AMÉRICA DO SUL
TRANSPORTE PARA INDÚSTRIAS E ESTUDANTES
PICOLOTUR TRANSPORTES TURÍSTICOS LTDA
Embratur 458/sp CAT "A"
Rua Coléjio Florence, 140
Jundiaí, SP

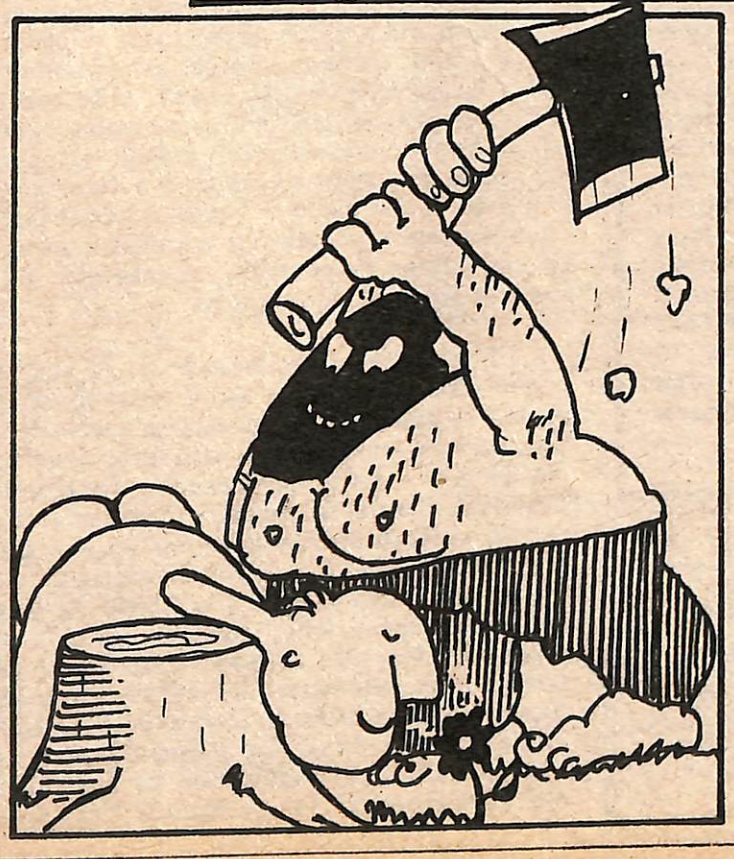
ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

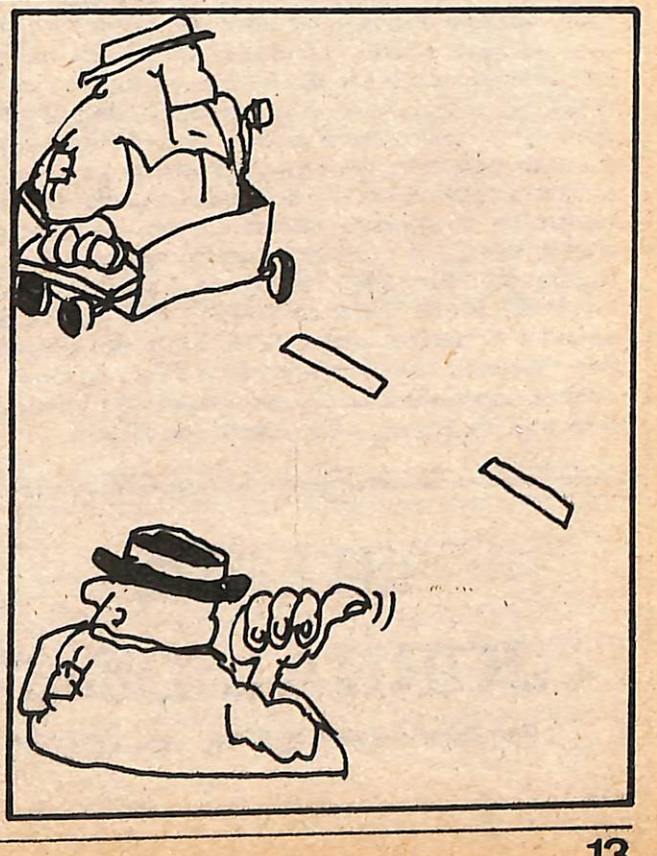












Nosso ciclismo, à procura de revelações

O Departamento de Educação Física, Esportes, Recreação e Turismo de Jundiaí espera revelar pelo menos três bons ciclistas nas provas do dia 29 na avenida 9 de Julho. É Israel Bernardi, um dos organizadores, quem explica o motivo:

— O objetivo é revelar gente para os Jogos Regionais de julho, em Piracicaba. Precisamos descobrir pelo menos três novos valores pelo seguinte: nessa prova dos Jogos Regionais há um limite de idade (25 anos), e por isso eu e o Roque Zavatti não poderemos competir. Além disso, outro integrante da nossa equipe, o Clésio de Oliveira, está trabalhando no Rio, não poderá correr. Então nossa equipe ficou reduzida a apenas dois elementos, o Hélio Tagliolato Júnior e o Santo Ferreti Neto, filho do **Ferretão**, que também foi ciclista.

Para os Jogos Abertos, porém, não haverá esse problema, pois o regulamento não impõe um limite de idade.

São três as provas programadas para o dia 29:"Alcebíades Frigo", para ciclistas de 8 a 12 anos, "Flávio D'Angieri"(13 a 17 anos) e "Pedro Fávaro" (18anos em diante), a principal. As provas serão realizadas pela manhã e as inscrições podem ser feitas na secretaria do E.A.A. (Sindicato dos Empregados de Agentes Autônomos), Edifício Mariju, sala 701-A com o prof. Marcos Brigoni, ou no Defert - Ginásio Municipal de Esportes "Dr. Nicolino de Luca", das 9 às 11 e das 13 às 17 horas. Haverá troféus para quem conseguir classificações entre os três primeiros lugares em cada prova, e medalhas para quem conseguir do quarto ao décimo lugar. Mais: será sorteada uma bicicleta Caloi entre os participantes das três provas, oferta de Credi-Tranquilo e Caloi S.A. E haverá troféus para as três melhores equipes colocadas.

Um informação importante: os concorrentes poderão competir com qualquer bicicleta, "desde que seja adequada para uma corrida", lembra Israel.

— É claro — diz ele, rindo — porque senão o cara que aparecer com pneu balão, por exemplo, vai **comer grama**. Acho que a maioria vai correr com uma Caloi 10, a mais adequada.

Em 1842, o escocês Kirkpatrick McMillan aplicou à roda motriz uma engrenagem que a fazia girar e apostou com um cocheiro que faria o percurso Glasgow-Carlisle mais depressa do que a carruagem. Começava praticamente aí a história do ciclismo. Mas a história do ciclismo condicionada à história da evolução da bicicleta só começaria mesmo quando Pierre Michaux (ou Ernesto Michaux, segundo certos autores) apresentou um modelo que é o mais aproximado da atual bicicleta. Foi em 1855, segundo alguns, 1860, segundo outros, e há quem insista em afirmar que isso aconteceu em 1865. O certo é que, em 1899, foi realizada a primeira grande prova de ciclismo, no trajeto Paris-Rouen (123Km), vencida pelo inglês James Moore. No Brasil, o ciclismo — atualmente o esporte nacional na França e um dos mais populares em quase toda a Europa — surgiu junto com o futebol, em fins do século passado: em 1865, foi construído o primeiro velódromo, em São Paulo (hoje abandonado), e a primeira prova foi realizada durante sua inauguração. Em 1933, a "Gazeta Esportiva" promoveu a primeira prova "Nove de Julho" , que a partir de 1947 passou a ter caráter internacional. Em todos os tempos , só três ciclistas foram considerados "fora-de-série" pelos críticos especializados: Fausto Coppi, da Itália, Jacques Anquetill, da França, e Edy Merckx, da Bélgica.

LEIA E ASSINE
JORNAL DE 2ª
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8646



Israel Bernardi: "Se o cara aparecer com pneu balão vai comer grama".

Israel

Terceiro no ranking paulista de ciclismo, Israel Bernardi já participou de nove provas, este ano: foi primeiro lugar em três delas, segundo em quatro e duas vezes chegou em quarto lugar Aqui, um pouco de sua carreira.

Duas bicicletas e uma roda penduradas no teto dão um ar curioso ao pequeno quarto onde Israel Bernardi guarda seu equipamento de ciclismo, nos fundos de sua casa, na rua Santos Dumont. Na parede, uma folhinha da "Casa de Bicicletas Tico", flâmulas da C.C.E. de São Caetano do Sul e da C.C.E. de Piracicaba, além de três quadros com fotos de ciclistas italianos.

— Este aqui é o Fausto Coppi — conta Israel, mostrando um dos quadros. — Foi um dos maiores ciclistas do mundo, parece que morreu de cólera. Bebeu uma água que fez mal a ele, num dia de corrida. Mas senta aí que eu vou te mostrar umas coisas. Só que está tudo numa caixa, ainda não deu para fazer um álbum.

E o sorridente Israel Bernardi começa a mostrar medalhas, revistas e velhos recortes com notícias suas. Como esta, por exemplo, publicada em 1963 pela Folha de Jundiaí.

"Exemplos que o enobrecem o desporto — Um imprevisto de última hora impediu que a Equipe Excelsior comparecesse a Sorocaba para disputar a competição promovida pelo Diário do Povo. Isto, porém, não foi obstáculo para que Israel Bernardi viajasse àquela cidade. Usando sua própria bicicleta, locomoveu-se de Jundiaí a Sorocaba na manhã de domingo, chegando minutos antes do início da competição. Bernardi viu seus esforços compensados com a brilhante colocação (entre os seis primeiros), ganhando um belíssimo troféu para sua coleção. Aí está mais um grande exemplo para nossos dirigentes: a vontade e a disposição de um atleta que não é o primeiro a fazer isso e que demonstra possuirmos material humano dos melhores, dependendo apenas de um pouco de boa vontade da cúpula"

"Boa vontade dos homens de cúpula" é o que não está faltando agora, segundo Israel. Aliás é impossível arrancar alguma queixa dele: tem palavras especiais para lembrar o apoio recebido nó tempo de Benedito Cérgoli na Comissão Central de Esportes ("ele ajudou demais o ciclismo de Jundiaí, é um homem sensacional") e Carlos Iamonti, presidente da C.C.E. até o ano passado ("o Carlão também deu muito apoio, sabe, ajudou na medida do possível"). Mas está animado mesmo é agora, com o atual presidente, José Pacheco Neto Júnior, e com o diretor do Defert, Luís Geraldo Basile Lacerda. Israel foi convidado para ser técnico da seleção jundiaiense de ciclismo e está com alguns planos na cabeça. Por exemplo: promover corridas nos bairros, em breve.

— Agora, se não fosse a Duratex, eu já teria abandonado o ciclismo há muito tempo. A Duratex nos dá todo o apoio inclusive cede uma perua para levar a nossa equipe nos dias de competição.

Da equipe fazem parte, além de Israel, que é funcionário da Duratex, Hélio Tagliolato Junior, Santo Ferreti Neto, Clésio de Oliveira e Roque Zavatti. Todos correm pela Duratex.

— Amanhã mesmo (domingo, dia 15), lá pelas seis e meia da manhã, a perua da Duratex encosta aqui em frente de casa. Vamos correr na Cidade Universitária, eu corro na categoria de veteranos.

É por isso que, agora, Israel, 35 anos, casado, duas filhas, está cuidando de sua bicicleta italiana "Elcio", importada. Ele vai correr com ela na Cidade Universitária.

— Troquei esse pneu aqui, sabe quanto vale? Trezentos cruzeiros, mas é bom. A bicicleta eu tenho há dois anos, vale uns dez mil.

Para um principiante, Israel recomenda a Caloi Especialíssima (Cr$ 4.500,00, "mais ou menos") ou a Caloi Zeus (Cr$10.000,00). A Zeus, segundo ele, é mais competitiva, "claro, é só ver a diferença de preço".

Mas não é só de bicicleta que um ciclista precisa para correr numa prova patrocinada pela Federação Paulista (caso diferentes dessa prova promovida pelo Defert e pela E.A.A.):

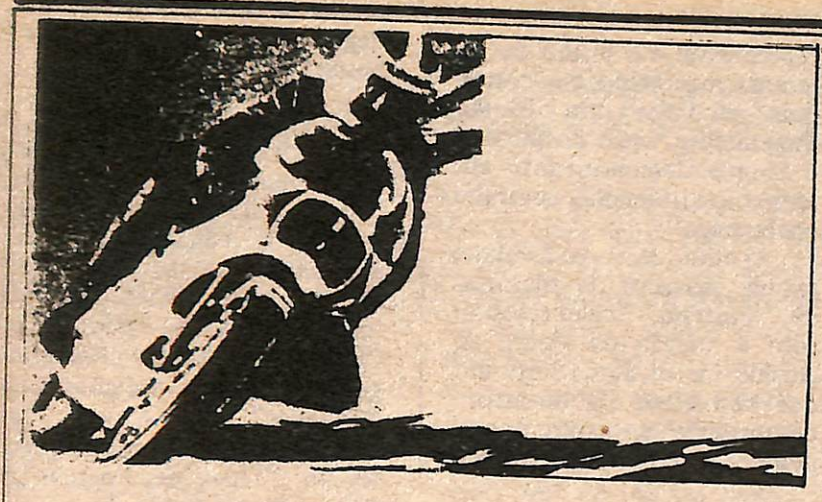
— Olha, sem este número aqui na camisa (317), eu sou desclassificado. Também não posso correr sem o capacete de proteção e a sapatilha. A Federação exige.

O capacete de proteção custa Cr$ 150,00, "mais ou menos", segundo Israel. E a sapatilha, Cr$200,00. Todo esse material é fornecido a ele pela Duratex e pela C.C.E.

A primeira prova que Israel ganhou foi promovida por Lázaro de Almeida em 58, num campeonato infanto-juvenil.(Ele já conseguiu inúmeros primeiros lugares, em provas pelo Interior).

— Mas peguei firme mesmo foi em 1961, eu estava na flor da idade, dezesseis anos. era eu, o Braulino Zillo, o Irineu Nalin, o Renato Silva, que a turma chamava de Gatão, o Haroldo Vieira. . . ah, tem o meu irmão, pôxa, o Valentim! Puxa, foi ele quem mais me incentivou, estou no ciclismo até hoje por causa do Valentim. Anotou aí?

Ademir Fernandes



PARA MICHELE, BONS RESULTADOS.

Participar de corridas sempre foi um ideal, mas tudo começou há sete anos quando Michele Vieira, 21 anos, aluno do Colégio Agrícola, começou a "circular" de moto em Jundiaí.

Com uma Yamaha 125 cc, há três anos, ele começou a participar de corridas em Interlagos, patrocinadas por pequenas firmas de Jundiaí Mas foi com um 1.o lugar na VII Taça Centauro que seu entusiasmo aumentou. Nesse campeonato, na Categoria Principiante e Novato, participaram além dele mais três jundiaienses: Caio Sérgio Alves, Milton José Salmaso e Zezinho, que corre pelo Caniato.

Ainda nessa categoria com uma 350cc, Michele chegou em 3.o lugar na 1.o etapa do Campeonato Paulista de Motociclismo, realizada no dia 15 de maio. Segundo ele, as coisas vão se fortalecendo e a partir daí "tudo pode acontecer". Por exemplo – continua – na última corrida o Caio pegou em 2.o, o Teco em 4.o e eu em 3.o. Então, por enquanto Jundiaí está no bolo da frente – está acontecendo"

No Campeonato Nacional, em que pretende concorrer, Michele deverá estar na categoria esporte (pilotos com mais de um ano de corrida): "para ver como é difícil passar para essa categoria, veja que eu estou na de principiante já há três anos. Não adianta passar para a outra sem ter a máquina que eu preciso"

Financeiramente, quem tem contribuído nas competições é Henrique Franco, através da Vigorelli: "foi quem ajeitou os pauzinhos disse Michele pretendendo publicidade, além de gostar de motociclismo". A assistência técnica tem sido da Moto Itália e Pedro Beagim orienta-o no preparo fisíco.

A idéia é organizar uma equipe jundiaiense, que já está se formando e sendo liderada por Sérgio Bochino, citado como "o cabeça da equipe", quem vem conseguindo pequenas firmas patrocinadoras.

DIFICULDADES

Sua moto custa cerca de 30 mil cruzeiros, o que não é nada comparando-se aos gastos de manutenção: "prá se ter uma idéia só na última corrida foram gastos 12 mil, isso para pegar um 3.o lugar, tendo ainda problemas com freio". Michele largou e permaneceu na frente durante três volta mas "depois não deu prá segurar os caras".

Além do treino físico feito diariamente, não há muito que fazer pois "treino em pista é impossível explica Michele – já que a Federação Paulista e a Brasileira só alugam pistas para testes de carros brasileiros e provas ciclísticas – nada que mexa com gasolina". Então é feito apenas um treino oficial antes da corrida, mas embora não hajam provas, Michele acredita que "treinos extra-oficiais possam ser feitos pelos "grandes", por baixo do pano".

Até dia 26 de junho, na segunda etapa do Campeonato Paulista, Michele pretende não usar sua moto para não incorrer na afobação de última hora: "vou comprar uma cinquentinha e ficar andando pela cidade, pois não vou mexer na minha máquina, ela está intacta e muito linda".

Dessa forma, sem treinos, ele encontra a solução: "é fazer de cada corrida um treino para que se possa chegar lá".

Procura-se o melhor jogador de xadrez da cidade

O Defert e o Centro Cultural e Recreativo XIII de Agosto estão procurando descobrir quem é o melhor jogador de xadrez da cidade. Para isso, vão promover um campeonato a partir do dia 6 de junho, dividido em duas séries – **A**, para quem tem até 18 anos, e **B**, para maiores de 18.

Não é preciso pagar nada para se inscrever - é só ir até o dia 31 deste mes na C.C.E. - ginário municipal de esportes (das 12 às 18 horas) ou no Centro Recreativo XIII de Agosto (Rua Barão de Jundiaí, 1.080, das 16 às 18 e das 20 às 22 horas, de segunda a sexta-feira).

O campeão e o vice de cada série disputarão entre si o título de **campeão da cidade.**

Um dos primeiros inscritos foi o campeão do Torneio "Nicolino de Lucca" do ano passado, Adalberto Mirândola. Adalberto, 20 anos, é filho do diretor de xadrez do Centro XIII de Agosto, Guerino. Modestamente, Guerino prefere atribuir todo o mérito da conquista ao próprio filho. Ou quase todo o mérito:

– Sabe, a gente ensinou algumas coisinhas a ele... .

A experiência é o que não falta a Guerino, enxadrista desde 1936. Para ele, essa iniciativa veio em boa hora, pois as chances de descobrir novos valores aumentarão mais ainda. Afinal, Jundiaí passa a ter duas grandes competições nessa modalidade – a outra, o Torneio "Nicolino de Lucca", deverá ser disputada em agosto.

E a reveleção de novos enxadristas está sendo vista como muito importante pela Comissão Central de Esportes, pois nos Jogos Regionais de julho, em Piracicaba, só poderão participar os que tiverem até 25 anos de idade. (Atualmente, a equipe é formada por Adalberto Mirândola, Antônio Carlos, Rui Matos e Ivan Martins; mas a C.C.E. já pensa nos próximos anos.)

Para quem gosta de praticar xadrez, há apenas um clube especializado na cidade, o Centro Recreativo e Cultural XIII de Agosto, que fica na rua Barão de Jundiaí, 1.080, funcionando das 16 às 18 e a partir das 20 horas, nos dias úteis, e aos domingos pela manhã.

Eventualmente, funciona também em outros horários. Está atualmente com cerca de 80 sócios e é presidido pelo médico Rubens de Luca. Para ser sócio, o interessado paga só . . . . . Cr$ 20,00 por mês.



Guerino: enxadrista há 36 anos. . .



. . . pai de Adalberto, uma revelação.

CONDUÇÃO TAMBÉM AJUDA

Se a Comissão Central de Esportes está mesmo pretendendo que Jundiaí forme uma boa equipe de xadrez para representar a cidade nos Jogos Regionais e nos Jogos Abertos, ela não deve ficar só nessa promoção, que, aliás, é bem oportuna. Ela deve, também, em conjunto com o Centro XIII de Agosto, dinamizar mais as atividades dos nossos jogadores, promovendo, por exemplo, a vinda de enxadristas famosos como Alexandru Segal, Herbert Carvalho, Antônio Rocha e Hélder Câmara, para a realização de simultâneas.

Além disso, deve dar todo apoio aos nossos jogadores de xadrez que, muitas, vezes são convidados a participar de competições em outras cidades mas enfrentam um problema: falta de condução. Afinal, não é só com treinos e competições internas que a equipe jundiaense ganhará condições para representar bem a cidade em competições intermunicipais. Torneios com equipes de outras cidades ajudam muito no desenvolvimento do jogador. Que tal colocar uma perua à disposição dos jogadores, quando eles tiverem oportunidade de jogar fora de Jundiaí? (AF)

Jornal do Livro

AS DELICIOSAS AVENTURAS DO LADRÃO DE CASACA

"Se um dia encontrar um homem que se veste bem, não faz caso da lei, gosta de brincar no momento em que outro julgaria perdido, muda de cara à vontade e é dotado de uma energia fora do comum, salte-lhe em cima: é Arsène Lupin".

Ler as aventuras de Arsène Lupin, todas diversas e originais, todas deliciosamente imprevistas, é ficar preso a essa figura exótica e estranha, a esse grande personagem internacional da literatura do crime. Nesse livro que a Nova Fronteira acaba de lançar, "O Paiol da Pólvora", o leitor se transporta para um ambiente muito especial, altamente sofisticado, em que Arsène Lupin se movimenta nos mais célebres salões de festa de Paris. Como sempre, diz a Editora Nova Fronteira, ele atua "com a desenvoltura do aventureiro aparentemente irrepreensível e o brilho do diletante requintado que conseguia esconder um burlão impenitente, meio desportivo e sempre desconcertante em sem comportamento amoral e apaixonado".

O autor, Maurice Leblanc grande narrador de histórias de mistério, celebrizou-se com a criação da figura de Arsène Lupin, ainda hoje um dos **best-sellers** da literatura de mistério, aventura e suspense. Preço: Cr$ 40,00. Páginas 140. Tradução de Maria Lívia Diana.

GARCIA LORCA

Outra novidade: "Livro de Poemas, Canções e Outras Poesias". de Federico Garcia Lorca 92a. edição). Lançado pela Nova Aguiar, esse volume tem quatro livros de poemas: "Livro de Poemas", "Poemas do Cantar Flamengo", "Primeiras Canções" e "Canções".

O próprio autor, a respeito do "Livro de Poemas", sua estréia em versos diz:

— Ofereço neste livro todo ardor e tortura e ambição sem medida, a imagem de meus dias de adolescência. . . Nestas páginas desordenadas vai o reflexo fiel do meu coração. . ."

Efetivamente, o "Livro de Poemas" mostra um Garcia Lorca que excuta suas escalas dos irmãos Machado, de Juan Ramón e de Ruben Dario, Lorca, porém, já afirmava em vários poemas sua personalidade poética.Preço Cr$ 45,00. Páginas: 240.



UM NOVO PAPEL PARA ALLAN ARKIN: ZÉ ARIGÓ.

O ator Allan Arkin ("Catch 22" e "Pequenos Assassinatos") veio recentemente ao Brasil, junto com sua mulher, Barbara Dana, em busca de informações sobre a vida de Zé Arigó. Conheceu toda a família do médium e percorreu os lugares que ele frequentou, inclusive a prisão.

Agora, vem a confirmação: ele pretende fazer um filme sobre a vida de Arigó e "mostrar ao mundo a figurá desse homem notável, cuja generosidade foi recompensada pelo dom maravilhoso de operar e curar milhares de pessoas.

O filme vai ser escrito e produzido por ele, Arkin, e por sua mulher. Mas não será dirigido ao público brasileiro. É ele próprio quem explica o motivo:

— Vocês brasileiros, já tiveram o verdadeiro Zé Arigó e não precisam me ver representando a sua vida.

Allan Arkin não quer que interesses comerciais deturpem a imagem do homem cujo dom, para ele, "foi a coisa mais impressionante" que já viu em sua vida.

Entre na corrente da segurança.



Toda hora é hora de depositar na Caderneta de Poupança Habitacional. Seu dinheiro vai render correção monetária e dividendos, dia a dia, todos os dias. Crescendo com segurança, para sua tranqüilidade.

Caderneta de Poupança
Habitacional APE
Campinas • São Paulo
Americana • Jundiaí

COMO ESCAPAR DO TUBARÃO E DO DEMÔNIO

Se você pretende continuar com as suas (modestíssimas) intenções de ficar em Jundiaí, saiba que precisará contentar-se com "O Anticristo", que continua no Marabá até o dia 25, e com o "Tubarão" que vai dominar toda a semana no Ipiranga. No dia 26, entra em cartaz no Marabá um tal de "Quem é o Pai da Criança?", um daqueles abomináveis filmes nacionais que pretendem ser eróticos e conseguem, no máximo, ser grotescos.

"O Anticristo", conforme já advertimos na semana passada, é uma sequela de "O Exorcista". Nada mau para quem gosta de vômitos verdes e massa de tomate fazendo o papel de sangue.

Quanto ao "Tubarão", é aquilo que todo mundo já sabe, uma mandíbulas terríveis, um máu caráter indomável, querendo engolir as pernas (e até mesmo as entranhas) dos pacatos turistas de uma pacata cidade norte-americana. Muitos sustos, muitos gritinhos na platéia, mas no fim o vilão morre.

Então, já que as perspectivas são tão pouco animadoras, crie um pouco de coragem, desembolse 20 cruzeiros só de pedágio, e aventure-se pelas casas de espetáculo de São Paulo.

Lá você pode ver:

Rede de Intrigas, com Peter Finch, William Holden e Faye Dunaway. Um violentíssimo (às vezes até um pouco exagerado demais) libelo contra a televisão e suas mazelas. Dizam que Hollywood fez este filme para vingar-se da TV, que roubou a grande maioria de seu público. O filme é irônico, e às vezes usa o recurso do grotesco para sublinhar ainda mais as suas intenções. O diretor é Sidney Lumet, o mesmo de "Dia de Cão" e o Oscar que Peter Finch ganhou póstumamente não é dos mais merecidos. O mesmo acontece com Faye Dunaway, que estava muito melhor em "Chinatown". Veja no Gazetinha (Av. Paulista 900) ou Copan (Av. Ipiranga, 200.

A Grande Burguesia - Um filme de italiano Mauro Bolognini ("O Belo Antonio") com Catherine Deneuve e Giancarlo Gianini, o grande astro italiano do momento. Conta a história de uma família burguesa na Itália de 1902, e mais especificamente de um de seus membros, que comete um crime e acaba envolvendo um professor de idéias revolucionárias. O filme é polêmico, e Mauro Bolognini é um narrador elegante, um excelente condutor de tramas. Vale a pena. Está só no Arouche Stúdio A (largo do Arouche, 426).

Rocky, um lutador - Para quem se amarra em filmes premiados, está aí um programa excelente. Um lutador de boxe humilde, coitado, feio (Silvester Stallone é o nome do fenômeno) que tenta subir na vida, apoiado por sua garota, humilde, etc. e tal. Um filme cheio de bons sentimentos à moda Seleções do Readers Digest, como os americanos gostam. Dizem que o filme fez muito sucesso nos EUA (ganhou o Oscar, não esqueçam) porque foi como um tipo de revertério daqueles filmes cheios de violência, mortes, mau caratismo, expiações morais e sociedade americana. Está nos cines Vitrine (Augusta, 2530), Gazeta (Av. Paulista, 900), Barão, (Barão de Itapetininga, 255), Augustos (Av. Rio Branco, 300) e Palmella (Pamplona, 1418).

Por um Destino Insólito, da diretora italiana Lina Wertmulles, com o já citado Giancarlo Gianini e mais a excelente Mariangela Melato, é outro bom programa. Conta a história de uma grã-fina cujo iate naufraga durante um cruzeiro em alto mar, e é obrigada a ir para uma ilha deserta em companhia de seu empregado, que ainda por cima é um militante comunista. Eles se amam e quebram os maiores paus na tal ilha deserta. Está no Arouche B (largo do Arouche, 462).

(S. V.)

SÓ A COMPETÊNCIA DE DAMIANI SALVARIA UM FILME COMO ESSE

Un Génie, Deux Associés, Un Cloche (Um Gênio, Dois Sócios, Um Otário); filme italiano de Damiano Damiani.

Precisava mesmo ser Damiano Damiani para salvar do infantilismo irremediável um bang bang com Terence Hill em cabeça de elenco. Porque Hill – seu personagem tipo – é, como se sabe, um produto da chatíssima série . Trinity, uma espécie de sátira ao Western-spaghetti. Ora, está aí um trabalho ingrato: qualquer coisa como satirizar Carlitos. Porque perverter o perverso é na melhor das hipóteses um jogo de palavras, e se o ban bang italiano (subentenda-se Sergio Leone, Sergio Solima, por vezes Sergio Corbucci e o proprio Damiani) encontrou muito de sua força no fato de reprogramar a ilusão de ótica que ocinema foi na época muda, dificilmente o filão poderá ser enriquecido pelo primeiro mequetrefe que apareça.

Dito isso, é preciso lembrar que "Un Génie. . ." não é principalmente um lançamento original, datando de 1975. Nessa coluna, tenho me limitado a comentar os lançamentos atuais, tentando informar sobre o movimento cinematográfico atual. Mas isso é na verdade apenas uma parte do que se passa em Paris, uma cidade onde os grandes lançamentos americanos do gênero "Inferno na Torre", etc., passam medianamente despercebidos (ou fracassa de vez como o "King Kong" de Dino de Laurentis, cujo sucesso na França vive sendo anunciado por alguns jornais brasileiros, baseados não se sabe em quê), mas em compensação é uma espécie de museu giratório onde os grandes filmes do passado periodicamente aparecem, em uma quantidade difícil de acompanhar.

Se o filme de Damiani merece ser comentado, não significa que tenha para o cinema o mesmo interesse que "Searchers" de John Ford ou "Shock Corridor" de Samuel Fuller. Antes é que ele ilustra com perfeição esse problema do cineasta e seu público: ou, como jogar a um só tempo com o fato de o cinema ser uma arte popular acessível a uma camada popular menos letrada, sem se tornar objeto de consumo. Nós conhecemos bem o oposto através de quase todos os Fellini ou dos últimos de Visconti, que se propõem fartamente ao consumo de um público de classe média sem procurar nunca contribuir ao apuramento da sensibilidade dos espectadores. Mais complicado é o senso de um gosto popular que, descartando de início os altos vôos é suscetível de ampliar e aprofundar uma maneira de estar entre as coisas.

Damiani consegue, com efeito, manejar o mito Terence Hill, valendo-se da incompetência do ator, fazendo dela uma vantagem, manobrando a monótona genialidade do personagem a serviço do inesperado e surpreendente, levando a convenção em banho maria antes de pulverizá-la com um olhar sobre os objetos capaz de a um só tempo encantar e deslocar o espectador.

Se nós pensarmos um pouco no cinema brasileiro, vamos dar justamente com a falta quase completa desse tipo de filmes. Enquanto um grupo de cineastas sucumbe as facilidades da pornochanchada sem tirar proveito das possibilidades do gênero (um exemplo: O Poderoso Machão, de Roberto Mauro, cujo excepcional argumento não mereceu um tratamento a altura seja pelo roteiro seja pela direção) outros pagam por uma formação que os distancia quese irremediavelmente do gosto e das preocupações populares.

É verdade que nem sempre se pode ter ao lado alguém como Klaus Kinski, um ator tão genial que transforma uma ponta de 5 minutos num episódio memorável. Mas também é verdade que inumerosos roteiros, tratados com um mínimo de profissionalismo, poderiam sair de repeticionismo em que se comprazem. Eu penso em particular em certos filmes de Jean Carret, um cara cujo talento tende a ser soterrado pelo pavor de abandonar porapenas um minuto o testado, aprovado, superado e falecido.

Arriscando sempre, Damiani desembaraça-se de T.Hill (o "gênio" de que fala o título) fazendo-o passar de herói a diretor da história: são tão grandes a inteligência, capacidade, sedução, rapidez no tiro do tal Joe Merci que tamanha e tão absurda competência só pode ser creditada a quem já conhece o enrêdo. Para o espectador, resta o prazer de assistir ao nascimento de um roteiro ao longo das surpresas e obstáculos que se vão montando diante dos personagens. Ora, um filme é uma coisa onde tudo se arranja, de um modo ou outro, segundo uma vontade que de trás das câmeras e a sua maneira reorganiza o mundo. Este é um pacto mais ou menos secreto que liga o filme ao público, define um tipo de participação e fixa um relacionamento que pode muito bem ter servido em outros tempos, mas que hoje em dia não cola mais com nada. O que Damiani faz é jogar um corda entre o gosto do redundante e a alegria da descoberta. Curtindo o seu Terence Hill, o espectador acaba levando para casa uma idéia de moviemtno perpétuo, de gênese e desdobramento da vida na ficção.

De resto talvez seja esta pretensão secreta do western spaghetti, um gênero que renova a tradição do bang bang em grande parte pelo descompromisso desse filmes em relação ao oeste, o que lhes permite sem qualquer dor de cabeça tanto a realidade como a imagem ou a magia do oeste O oeste O oeste de brinquedo, fato de ford e wayne seria mais verdadeiro. Essa questão tem tudo para ser considerada falsa: o western spaghetti é fruto do amor de uns tantos caras não pelo oeste-de-verdade, mas pelo oeste de mentirinha que é o filmado e que – longe de ser realista – tem todo seu interesse no fato de ter constituído uma mitologia e um pensamento sobre a legenda dos pioneiros americanos. Esse descompromisso nos permite topar por vezes com westerns italianos mais interessantes que os dos renovadores americanos – como Penn ou Peckimpah – e que muitos consideram mais próximos da " verdade" da construção da América.

Visto na Europa, o western italiano pode nos revelar outro ponto interessante: as vantagens da dublagem. Instituída por Mussolini ou não, o certo é que ela permitiu ao espectador italiano acostumar-se com os diálogos do cinema americano ditos em sua própria língua. Mesmo que se veja na dublagem em atentado a "obra de arte", e que o distema francês pareça mais equilibrado (com uma parte das cópias apresentadas na versão original e outra em francês), esse exemplo permiter reverter um pouco os dados: sem dúvida a dublagem contribuiu para o nascimento e consagração do western spaghetti, deixando os diretores italianos bem a vontade para reciclar esse esplêndido gênero popular. No Brasil, onde só tem a notícia de um grande filme a la oeste – Meu Nome é Tonho, de Ozualdo Candeias – a dublagem poderia deflagrar experiências seguramente interessantes e renovadoras de gêneros populares. Com ela, haveria a possibilidade de fixar regras ou padrões de dialogação com maior facilidade e nossos dialogadores não teriam precisado apanhar tanto até encontrar o caminho coloquial. Certos filmes por certo não teriam perdido tanto pela simples falta de um diálogo mais elaborado: de memória, eu cito "O Quarto", de Rubem Biáfora, o único arquinimigo de boa fé da dublagem obrigatória para o português.

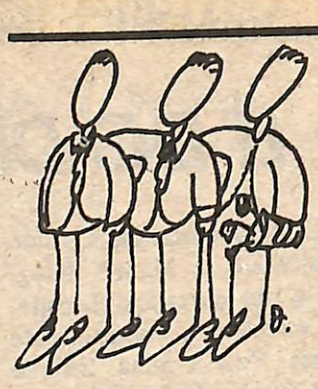
Inácio Araújo, de Paris, via Varig.

N&O

PRISÃO FELIZ

Na semana passada, a um frio de 14 graus, um grupo de detentos da cadeia de Jundiaí mudou de casa. Não sei porque, estavam todos sem camisa, e apareceram na primeira página do JJ rindo desbragadamente. Rindo de que? (S.V.)





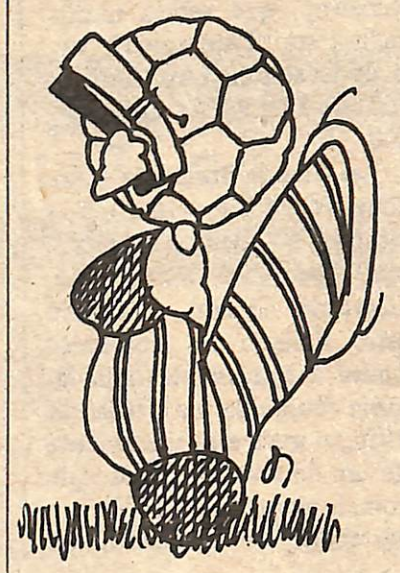
LAÇOS ETERNOS

O deputado estadual Sylo Costa (Arena-MG), falando à "Folha de S. Paulo", sugeriu a substituição dos três primeiros ministros ligados à área econômica – Reis Veloso, Mário Simonsen e Shigeaki Ueki – afirmando que "ele estão divorciados da realidade nacional".

Pois é, deputado. E a grande contradição é que, embora divorciados, eles parecem querer ficar no cargo "até que a morte os separe". (E.M.)

É POR ISSO!

Esta ficaria melhor na coluna N.R., do JJ, mas como aquele respiraodouro levou o terceiro cartão amarelo, vai aqui mesmo (perdão, leitores): um time chamado Leão de São Marcos, do futebol capixaba, que entrou no último teste da loteria, tem um jogador conhecido por **Chulé**. Dizem que é o melhor do time e joga de meia. Meia-direita, bem entendido.(AF)



ENRIQUECIMENTO ILÍCITO

Dizem que os bens do senador Orestes Quércia foram bloqueados, porque ele é acusado de enriquecimento ilícito. Ué, não sabia que o Quércia também andava metido naquelas negociatas da Lutfalla. Já o Salim Maluf... (V.V.)

LIBERDADE & CALÇA AZUL

Na última quinta-feira, o canal 4 apresentou um documentário chamado "A Revolução dos Jenas". Por acaso o patrocinador do **Especial** foi a Levis, que por acaso fabrica jeans. Mera conincidência ou puro **merchandising** ? (S.V.)

O FELIZARDO

Este título saiu no JC:"A felicidade de João Alves: ser atropelado em frente ao Hospital". Sujeito de sorte, hein? Qualquer dia destes eles ganha na Loteria Esportiva, ou então morre em pleno Pronto Socorro.(S.V.)

SALTIMBANCANDO

Falando a respeito do divórcio, e condenando a importância que se pretende dar à sua discussão pelo Senado, D. Jaime Luís Coelho, bispo de Maringá, disse: "O divórcio é defendido justamente pelas classes alta e média. O pobre se separa como pode e como quer".

Atenção técnica, para o fundo musical: "Nós gatos já nascemos pobres/porém já nascemos livres/senhor,senhora, senhorio/felino não reconhecerá". (E.M.)

HORA EXTRA

Misteriosamente, o jornal "Tribuna de Imprensa" do Rio continua sob regime de censura prévia, e é proibido constantemente de noticiar fatos corriqueiros que os outros jornais do país noticiam com a maior desenvoltura. Surpreendentemente, na terça feira passada o jornal saiu inteirinho, sem nenhum daqueles grandes espaços em branco que o têm caracterizado ultimamente. Depois ficou tudo explicado: os editores do jornal esperaram a saída dos censores, e refizeram a edição, inserindo todas as matérias censuradas. No dia seguinte, por medida de precaução, os censores ficaram no jornal até que terminasse a impressão de toda a edição. Hélio Fernades, o diretor da **Tribuna**, está se vingando à sua maneira: a Polícia Federal vai ter que pagar horas extras aos seus censores. (S.A.)

EM CÂMARA LENTA

18 de Maio de 1977

Não fossem dois pronunciamentos a respeito da concentração estudantil que seria realizada no dia seguinte, na Capital, e não fosse uma piadinha "off record" do nem sempre feliz vereador José Rivelli a respeito de seu companheiro de bancada Henrique Franco, e a sessão da semana passada da Câmara dos Vereadores teria marcado uma página em branco na história do Legislativo caboclo.

Mas, para assistir a esses pronunciamentos e à piada do arenista Rivelli, a minúscula platéia teve que pagar sua penitência: ouvir o rosário de indicações absurdas do vereador Ercílio Carpi, que insiste em salvar Jundiaí guaguejando seus pedidos de água, luz, esgoto, calçamento, telefone público, numa mal feita demagogia que decepciona a quantos acreditavam que o vereador-operário pudesse tomar posições mais produtivas em favor da classe a que deveria representar.

Foi somente na segunda parte dos trabalhos que aconteceram os discursos importantes da noite. O líder do MDB, Tarcísio Germano de Lemos, leu o pronunciamento do deputado federal Faria Lima, que definia o encontro universitário versus polícia como sendo uma luta de "homens desarmados contra homens armados". Mas que apoiava a coragem dos moços, afirmando: "não devemos ter medo de defender a democracia". Às palavras do deputado, Tarcísio acrescentou seu ponto de vista, pondo em dúvida "se é este o momento para tais manifestações". E concluiu cobrando dos "homens que ocupam cargos públicos, a participação em lugar dos estudantes".

Lázaro Rosa (MDB) subiu à tribuna para dar seu apoio à vigília cívica dos estudantes e leu um trecho de Ruy Barbosa em que era definido o conceito de Pátria: o solo, as instiuições, a casa, a família, pelo que se deveria lutar.

O instante de humor aconteceu quando Henrique Franco (Arena) ocupava a tribuna expondo uma incompreensível teoria econômica a respeito de inflação, correção monetária, captação de poupança, um conjunto de elocubrações para solucionar o problema econômico brasileiro. José Rivelli deu a tirada: "Eu estava de costas para a tribuna e pensei que fosse um rádio ligado na Hora do Brasil".

Erazê

O MELHOR RODÍZIO A 80 KM. POR HORA
RESTAURANTE VIDEIRA
VIA ANHANGUERA, KM 65

JUNDIAÍ CLÍNICAS
Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/no. J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

Hertane de Campos
ÓTICA MODERNA
Se a lente do seus óculos quebrou, não se preocupe. A ÓTICA MODERNA, com suas máquinas importadas fabrica qualquer lente em 30 minutos.
Fones: 434-7363 - 434-4351
O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA REGIÃO

EMPRÊSA DE TRANSPORTES
Irmãos Vieira Ltda.
MUDANÇAS LOCAIS E INTERESTADUAIS
Filial – JUNDIAÍ
R. Senador Fonseca, 1150 - fones 434-4482 e 436 -5086
SÃO PAULO Filial
Fones: 31-3403 e 31-4303
CAMPINAS Matriz
- Fones 227-0419 e 227-0453

RELOGIOS DE PONTO
ROD-BEL
REVENDEDOR AUTÓRIZADO
COMERCIAL PANIZZA LTDA
BARÃO, 427 – TEL.436-8231

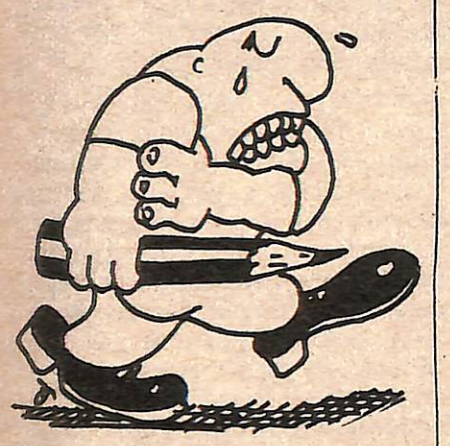


NOVA ERA

Deu no JC do dia 17 de maio, na primeira página: "Contrariando os planos do governo de Bangladesh, em controlar a natalidade, uma camponesa deu à luz nove bebês".

Depois de inventar a loira fantasma, a água milagrosa e os besouros africanos que invadiram Jundiaí, o Jornal da Cidade acaba de inaugurar a **Oposição Ginecológica.**

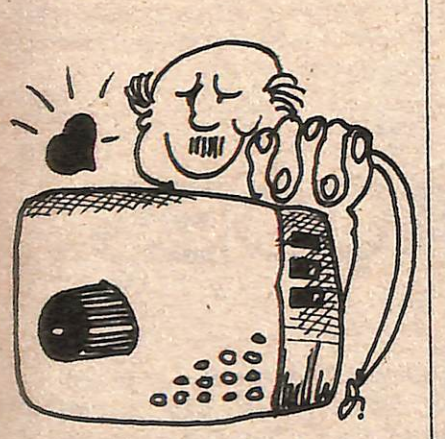
Parabéns, Nova Era. (E. M.)



REVOLTA ESTUDANTIL

Odeio minha professora de História, dona Anita Soares de Oliveira. Odeio minha professora de grego, dona Leda Mammana. Odeio meu professor de Filosofia, padre Antônio Thil.

Durante anos eles me enganaram, dizendo que democracia era o governo do povo, pelo povo e para o povo (soluços).(E.M.)



CARA LINDA VERSUS NOTÍCIAS

Se você aguenta passar sem ver os rostos lindos de Sérgio Chapelin e Cid Moreira no "Jornal Nacional", ligue às 19 e 30 no Canal 13 e assista "Titulares da Notícia". Tem notícia. (E.M.)

REGISTRO

O DEOPS de São Paulo proibiu uma concentração do MDB em Piracicaba, à qual estariam presentes Ulysses Guimarães, Paulo Brossard e outros nomes do partido oposicionista.

É isso aí, bicho. (E.M.)

FINALISTA INDIRETO

Estava demorando. Já começaram a comparar a classificação do Coríntians (pelo critério de rendas) à elição de senadores indiretos. Alguns apelidos que correm por aí: finalista de matéria plástica, finalista de proveta, finalista descartável, finalista biônico. . . se aparecer alguém falando em picaretas do gramado, eu brigo (AF)



A CENSURA É NOSSA

A direção da Petrobrás censurou o jornal da empresa, porque trazia uma nota denunciando a má qualidade da comida servida aos funcionários.

Tá certa a direção. Nada ligado ao petróleo deve correr riscos.(E.M.)



QUESTÃO DE MOEDAS

Passei mais de uma hora explicando prum amigo meu que "desvalorização do cruzeiro" não tem nada a ver com o fato de Tostão ter deixado de jogar futebol no famoso time mineiro.(E.M.)







DIVORCÍNTIANS

Já estão comparando a paciente luta do senador Nelson Carneiro à difícil tarefa dos jogadores corintianos que estão tentando conquistar um título de campeão paulista há 22 anos (Carneiro tenta introduzir o divórcio no País desde 1948).

Agora uma perguntinha: e esse pessoal que apóia o divórcio, pode ser chamado de "gaviões infiéis"?(AF)

NOTA DA REDAÇÃO

Avisamos aos jornalistas que exercem seu mistér na praça de Jundiaí que mantemos, em nossas precárias instalações, um tubo de oxigênio, para atender a casos de asfixia, ou quaisquer outras perturbações das vias respiratórias. Por via das dúvidas. . . (E.M.)



EVOLUÇÃO

Do presidente nacional da Arena, deputado Francelino Pereira, a um grupo de repórteres que fazia perguntas sobre as dificuldades políticas nacionais:

— Em que mundo nós estamos?

Recorde-se que, há um ano e meio, ele perguntou que país seria este.(AF)

DIVISÃO

Que dia vai ser a estréia do Ney Campo Grande? (AF)

PREFEITO PESAVA FUNCIONÁRIA

Deu no "Jornal do Brasil": o prefeito de Santa Cruz do Piauí, sr. Antenor Rodrigues Martins (Arena), poderá perder o mandato por falta de decoro: foi surpreendido pela mulher, Genise Rodrigues, abraçando uma funcionária da Prefeitura. Como a desculpa não convenceu – "eu estava verificando o peso exato da moça" – a mulher quebrou uma cadeira na cabeça do marido, causando-lhe vários ferimentos.

Os próprios arenistas estão querendo sua cassação. Está certo: se ninguém tomar uma atitude , vão dizer por aí que a Arena usa dois pesos e duas medidas. (AF)



MOMENTO DE REFLEXÃO

Em matéria de jornalismo, o momento está mais para com do que para cem. (E.M.)



QUE POLUIÇÃO, MEU BOM JESUS!

O rio Tietê, já não dá pra enxergar, de tanta espuma suja. A água da represa, cavalo já não consegue mais beber.

Na cidade, cavaleiro tem que entrar a pé, puxando o cavalo, de tanto trânsito de ônibus, carros. O policiamento é de praça de guerra.

E tem até teleférico!

Não sei não, mas acho que a romaria a Pirapora não dura mais dez anos. **(Cássio Martinho).**

ASSINE O JORNAL DE 2a. UM JORNAL LIDO ATÉ POR QUEM NÃO GOSTA.

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 – tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi

CONHEÇA O BRASIL.

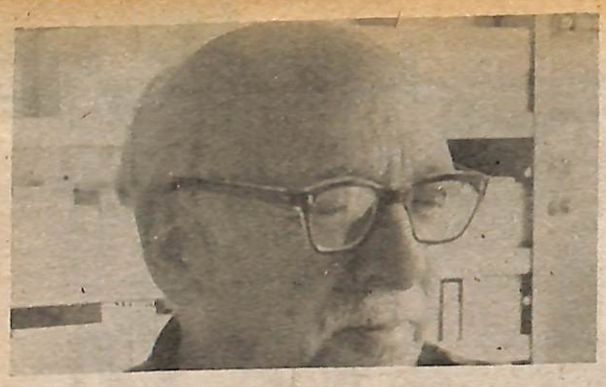


FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone: 434-2253

AÇOUGUE E CASA DE CARNE MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone: 436-4880

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO
ROSARIO 523 FONE 6 3795

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO 626







O PRESIDENTE DA CÂMARA, LÁZARO DE ALMEIDA, E OS LÍDERES DA ARENA, ÉLIO ZILLO, E MDB, TARCÍSIO GERMANO DE LEMOS, FALAM SOBRE OS PRIMEIROS MESES DA ATUAL LEGISLATURA,OS PROBLEMAS QUE TÊM ENFRENTADO E NOVAMENTE SE ESQUIVAM EM COMENTAR TEMAS NACIONAIS, PREFERINDO FICAR APENAS EM ÂMBITO MUNICIPAL.

Como vai a Câmara?

O Presidente da Câmara Municipal, Lázaro de Almeida, prefere responder a questões da imprensa por escrito, ou com algum tempo para pensar pois – fala – "às vezes a gente não diz o que realmente gostaria de dizer". Assim ele responde quanto às realizações da Câmara que tem, segundo ele, funções específicas, atribuídas por lei, e que se resumem na atividade legislativa, fiscalizadora e julgadora:

– Portanto, as realizações estão adstritas à apreciação e deliberação de proposições, a maioria oriundas da Prefeitura, pois aos vereadores é vedada a apresentação de projetos que envolvam matéria financeira, e quais não envolvem? – pergunta ele.

Lázaro prossegue dizendo: "Podemos afirmar que a Edilidade vem realizando com responsabilidade e dedicação essa missão.

"A presidência da Câmara, por mim exercida, exige atividades administrativas dentro do Legislativo. Assim, temos procurado incentivar os serviços que representam a infra-estrutura dos trabalhos camarícios, além de imprimir regime mais austero na aplicação dos recursos destinados à Câmara.

"Como Presidente, não permanecemos alheios aos projetos em tramitação na Edilidade, procurando dar nossa contribuição pessoal, além de reivindicar, através de indicações, algumas providências do Executivo. Gostaríamos apenas de salientar aquela em que pedimos concessão de auxílio viagem aos universitários".

Com relação às indagações sobre as reformas políticas, eleições indiretas e prorrogação dos mandatos de diretórios, Lázaro assim se expressa:

"Podemos dizer que num período de transição e de empenho dos poderes construídos para a solução dos nossos problemas, são medidas essenciais visando a expectativa de que possam intermediar novas propostas de desenvolvimento político-democrático".

FALA ÉLIO ZILLO

Élio Zillo, líder da bancada da Arena, a respeito das realizações da Câmara Municipal, frisa a impossibilidade de um vereador assumir a paternidade da efetivação de algum trabalho, segundo ele, tudo o que têm feito é o "resultado de uma opção conjunta".

Nessa linha de pensamento Zillo exemplifica com a "luta da Câmara para que a Avenida 14 de Dezembro tivesse prosseguimento", e ainda com a recente demissão do dr. Metry Bacila dizendo que :

"Foi um trabalho da Câmara, pois ela forçou o Diretor a tomar a decisão. Ele começou a não dar satisfações dos seus atos a partir da transferência do estágio para Campo Limpo, feito à revelia do Prefeito. Então sua permanência não traria os frutos esperados".

Segundo ele, um dos pontos em a Câmara tem insistido é com relação ao abastecimento de água em Jundiaí, e como concretização de seus trabalhos, Zillo cita a construção de adutoras:

"Veja que o DAE já iniciou a construção da adutora que liga a estação de tratamento do Anhangabaú ao reservatório da Vila Progresso. E a adutora ainda prosseguirá até o reservatório do Jardim do Lago. Além disso está nos planos do DAE; mas também pode-se dizer que é um trabalho da Câmara, a ligação estação do Anhangabau à estação Central – é de suma importância pois no caso da paralização da estação Central, essa adutora suprirá a necessidade de água do setor central".

Particularmente, Zillo destaca a prioridade dada por ele às indicações no setor de saneamento básico e completa:"e tenho inistido junto ao DAE para que se for necessário, seja feito um financiamento para concluir o Plano de Abastecimento de Água em Jundiaí".

Zillo acredita que dentro da Câmara hajam divergências de ordem política, mas estas não se constituem em choques, são apenas maneiras de se solucionar problemas, o que existe dentro do próprio partido.

Considerando que opinar sobre as recentes reformas políticas e outros problemas de âmbito nacional, seja o mesmo que "carpinteiro ir além das madeiras", ele prefere ficar no contorno municipal alegando que: "eu não posso opinar pois não sei quais as razões que levaram, por exemplo, à decisão de adiamento das eleições municipais de diretórios".

Zillo finaliza dizendo que "a única coisa que não se encontra explicação plausível e eu não consigo entender, é essa crise do leite".

FALA TARCÍSIO

Tarcísio Germano de Lemos, líder da bancada emedebista, acredita que a Câmara esteja passando por uma fase muito difícil – "no Município mais endividado do país" – além de estar legislando sobre os "escômbros e ruínas" que a administração passada deixou.

Segundo ele, até agora a Câmara vem fazendo duas coisas de suma importância:

"Primeiro se adaptando, pois temos muitos vereadores novos. E segundo, ela tem dado uma revitalização na honorabilidade do vereador. As comisões de Inquérito apuraram realmente os fatos que deveriam apurar, e uma parte já foi encaminhada para a Justiça"– e completa falando – "E eu ainda acredito na Justiça do País".

Acrescenta que alguns projetos de lei já foram feitos por alguns vereadores e quanto às indicações Tarcísio fala: "as indicações são um direito do vereador, pelo menos ninguém vai poder dizer que não tapou buraco porque não sabia. Mas eu prefiro não apresentá-las, pois acho que tem mais resultado prático, por exemplo, ir ao Gabinete, pegar a pessoa, colocar no meu carro e mostrar-lhe o buraco".

Da mesma forma que Zillo, Tarcísio vê a Câmara trabalhando junto na solução de problemas de ordem geral:

"O que eu tenho visto, é que todos estão com grande vontade de trabalhar. Embora hajam as divergências normais de ordem partidária, para os problemas de interesse da comunidade houve o mais perfeito entrosamento dos vereadores".

No que diz respito a problemas nacionais como as Reformas Políticas Tarcísio assim se posiciona:

"Eu tenho achado a mesma coisa que já foi dita pelo Presidente Ulysses Guimarães, pelo líder Franco Montoro e pelo Senador Paulo Brossard:

"As Reformas Políticas trazidas pelo Ato Institucional, se constituem num retrocesso histórico, político e democrático nesse país".

EM TRÊS MESES, 963 INDICAÇÕES

Até a sessão ordinária do dia 15 último, portanto com apenas três meses de legislatura, foram despachados da Câmara Municipal de Jundiaí, 963 indicações e votados 138 requerimentos. Isso sem considerar os absurdos que nem passam pela Assessoria Técnica da Câmara.

Fazendo um levantamento dessas indicações, despachadas durante três sessões, escolhidas ao acaso na publicação oficial do Jornal da Cidade (17/4 e 8 e 15/5) percebe-se a linha vulgar e redundante em que caiu a maioria dos vereadores: 8 pedidos de reparo na rede de água e esgoto; 15 pedidos de calçamentos ou asfaltamento de diversas ruas; 3 de instalações de unidades de serviço médico-assistencial; 4 de instalações de telefone público; 7 para assentamento de guias e sarjetas; 6 para construção de galerias pluviais; 4 podas de árvores em algumas ruas; instalação de 3 pontos de taxi; 9 para construção melhorias de parques; 3 limpezas de terrenos baldios; 2 construções de pontes sobre rios; 12 assentamentos de rede de água e esgoto; 30 reparos ou conservação de ruas e 9 instalações de redes de iluminação em diversas ruas.

Isso sem considerar que cada indicação diz respeito a "diversas ruas de diversos bairros".

Num apanhado geral, destaca-se ainda a "absurda pretensão de alguns vereadores exigindo, por exemplo: instalação de enfermaria no Velório Municipal; instalação de torre de retransmissão para televisão; instalação de torneira em ponto de taxi; solicitação de estudos da mesa para ampliação do prédio da Câmara Municipal e outras tão pouco dignas de serem mencionadas.

Como essas, mais de 70 indicações chegam semanalmente à Secretaria da Prefeitura. Fica a pergunta: o que se pode fazer com tudo isso?...